

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA/INHIS



*Uma Identidade em discussão: A “Nuestra América” (1891), de José Martí.
Pressupostos e possibilidades Hispano-Americanos.*

POR: EDILSON ANTÔNIO ALVES

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - U.F.U.	
N.º 1343	H. Greco
Data 16	07 2001

Uberlândia, Julho de 2.001

1692

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CONIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

RECEBIDA
Correspondência
04/07/01
Batal

EDILSON ANTÔNIO ALVES

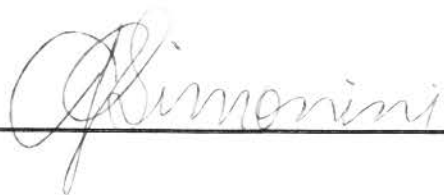
***Uma Identidade em discussão: A “Nuestra América” (1891), de José Martí.
Pressupostos e possibilidades Hispano-Americanos.***

Monografia a ser apresentada como requisito parcial
para aprovação na disciplina Monografia II, do curso de
Bacharelado em História, pela Universidade Federal de
Uberlândia.

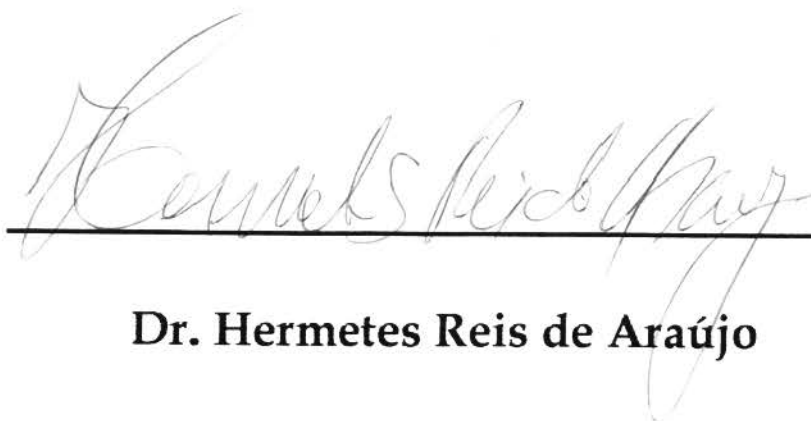
Orientadora: Profa. Karla Adriana Martins Bessa.

UBERLÂNDIA, JULHO DE 2001

Banca Examinadora



Ms. Giselda da Costa Silva Simonini



Dr. Hermetes Reis de Araújo



Dra. Karla Adriana Martins Bessa (orientadora)

Aprovado com 90.



SUMÁRIO

Apresentação	02
---------------------------	-----------

Introdução

1 – AMÉRICA LATINA OU AMÉRICAS LATINAS?	07
1.1 – Considerações Preliminares	07
1.2 – Américas e Américas: Discussões Hispânicas	09
2 – JOSÉ MARTÍ; O HISTÓRICO DE UMA VIDA “APOSTÓLICA”	15
2.1 – Justificativas Histórico-Temporais Martianas	17

Capítulo 1

1 – EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE CULTURAL	21
1.1 – O “Problema” das Identidades	21
1.2 – Uma Breve Discussão Acerca das Identidades	22
1.3– Martí como Elemento Presente no Ideário Cubano	34

Capítulo 2

1 – UMA UTOPIA NUESTRAMERICANA	40
2 – A VIABILIDADE DA UTOPIA NUESTRAMERICANA	47
2.1 – Versos em Sangue, a Saga de uma Utopia de Amor	53
2.2 – O Processo Utópico de Martí e sua Viabilidade no Contexto Social Hispano-Americano	58
2.3 – Utopia “Ainda que Tardia” (Viabilidade Conformatadora ou não?)	64

Considerações Finais	73
-----------------------------------	-----------

Anexo

NUESTRA AMÉRICA	79
------------------------------	-----------

Fontes Bibliográficas

Livros	86
Revistas e Periódicos	89
Fontes Eletrônicas (Internet)	90

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E DEDICATORIA

Agradecer, sem esquecer de alguém é sempre muito difícil, por isso, antes de iniciar estas reminiscências já peço desculpas àqueles que, por ventura se sentirem alijados destas breves frases. Sei que muitos me acompanharam nestes (quase) cinco anos de Universidade, sei também que lembrar de todos é um trabalho dificultoso, mas espero que os “excluídos” desde prólogo me perdoem, afinal de contas, todos me acompanharam, direta ou indiretamente, nomes ou registros jamais minimizaria tão valorosa relação.

Em primeiro lugar, quero agradecer a minha mãe, Dalva Antônia Alves, progenitora e criadora, a minha companheira Alessandra e a meu irmão Eliomar (apesar das desavenças) e minha irmã Elizângela, aos amigos que entraram junto comigo no longínquo ano de 1997, também, não poderia deixar de lembrar dos amigos que encontrei pelo caminho: Ricardo, Marcus, Marcos, Fernando (os dois), Minaldo, Josué, Ronaldo, Adonile, Ianni, Lúcio, Gilson Remacio e André..... são tantos, confesso pedindo-lhes perdão, tal número me impossibilita delinear nestas breves linhas. Aos professores Leandro, aquele que me apresentou Martí, Antônio de Almeida que ouviu minhas dúvidas, Maria Ivonete, minha primeira orientadora que, apesar das controvérsias necessárias e sua pertinaz rigidez foi quem me apresentou a grandeza e a peculiaridade que é a América Hispânica e, finalmente, à Karla Bessa, quem me acolheu num momento de confusão mental.

Enfim, a todos aqueles, professores e colegas que estiveram comigo durante estes quatro anos... são muitos, por isso espero que perdoem este registro.

a dedicatória vai, toda ela, a minha querida Andressa Marcelina Alves, semente bem vinda que despontou no Dezembro último, molhado e belo, melhor notícia do papai orgulhoso, em todo o ano de 2000 e pelos próximos anos.

Te amo, minha querida.....

Edilson Alves

Apresentação

Dentro da perspectiva social, temos a cultura como elemento fundante, quiçá, forjador de ideologias, identidades e “simpatias”. Discursos, escritos e experiências acabam interferindo na configuração cultural de um povo, como também, de grupos culturais.

No interior dessa conformação culturalista, a literatura tem um papel bastante eficaz, no que diz respeito à concretização de vontades, possibilidades e valores. E ainda, dentro da estrutura literária, um gênero se sobressai a todos os outros, é o caso da poesia. Um bom orador, talvez um bom poeta, ambos têm um grande poder junto às massas. E será este homem-poeta, o objeto de nossa pesquisa, contudo, antes de adentrarmos neste objeto, propriamente dito, levantaremos algumas considerações acerca da poesia:

Dentre as várias conformações do criar, temos uma em especial, é o caso da poesia, na qualidade de um fruto da criação humana. Uma arte que vem se estendendo desde os tempos mais remotos, haja vista toda a tradição clássica da Grécia de Hesíodo e Homero, dentre outros.

A arte, dentro da produção intelecto-cultural da civilização ocidental, se mostra “tão simplesmente”, um produto dela mesma e da mente de seu criador, sendo ela, o meio que este criador utiliza para externar seu desagrado junto à realidade social vigente, como também, para escancarar seu eu-lírico. Todavia, nos ateremos àquela primeira possibilidade, pois, junto ao discurso, ou mesmo aos seus desdobramentos, o homem social é capaz de informar (leia-se conformar), suas amarguras e possíveis alternativas nesta escrita poética, e as vezes, retórica.

Não podemos esquecer que o método usado por algum escritor para externar sua escrita é o método do seu dia-a-dia, de suas angústias e também de sua presença estrutural e conjuntural, num mundo que lhe é familiar, logo, este método estará expresso em seus escritos.

Neste conjunto de métodos, temos a poesia, que é expressa como arte a partir do momento em que pode-se tê-la como criação de caráter irrepetível e ilimitada, pois, ela transcende o homem enquanto ser criador, como também, mostra a realidade de uma sociedade, segundo o ponto de vista de um homem. Ela se expressa naquilo que o homem tem de mais concreto: a recriação de seus conflitos e a expressão final de sua relutância quanto a um determinado *statu quo*.

Assim, a poesia ou algum discurso podem ser inseridos no patamar de representação de uma dada realidade, ou de um grupo social, logo, substantivação de uma estrutura social definida.

Dentro desta perspectiva histórica, o modelo culturalista de encarar a sociedade assume uma peculiaridade social. Ao trazer à tona escritos de natureza crítica (como é o caso da obra que trabalharemos), contribui para disseminar idéias que poderiam interferir em uma referida realidade conjuntural, acarretando um questionamento de atitudes reinantes, e também, de um grupo déspota e autoritário (no caso, a coroa espanhola, como veremos adiante).

À luz destas considerações, o historiador que resolve caminhar por esta via, poderá contribuir significativamente para a dessacralização de um modelo historiográfico isolado, ou seja, a História é um instrumento utilizado pelos homens no intuito de transformar não somente a realidade social presente, senão toda e qualquer dogmatização do conhecimento, estando ele no limbo solitário de modelos pré-estabelecidos.

#

O trabalho a seguir está dividido em quatro partes, além do *Anexo*, dentro desta divisão tentamos fazer uma estruturação sequenciada. Na primeira seção temos a

Introdução, em que levantamos algumas considerações acerca do conceito de América Latina, como também fazemos a apresentação de nossa personagem.

Já na segunda está o *Capítulo 1*, em que apresentamos o conceito de identidade e as possibilidades de conceituação do mesmo, como também a presença de Martí dentro do ideário cubano, quiçá Latino-Americano.

No *Capítulo 2*, falamos da possibilidade concreta da utopia de Martí e a forma como a mesma poderia (ou não) ser viabilizada. E para terminar, tentamos levantar alguns questionamentos acerca da contemporaneidade e da forma como muitos a têm encarado.

Na seção *Anexo*, acrescentamos o texto que fundamentou nossa pesquisa; o ensaio *Nuestra América* de José Martí.

Campa! Bermúdez! Alvarez! São eles,
Pálido o rosto, plácido o semblante;
Estraçalhadas as mesmas vestimentas
Pelos ferozes dentes da hiena!
Eles, os que detêm minha justiça!
Eles os que perdoam a fera!
Deixa-me, oh glória!, que a minha vida
arranque]
O quanto do mísero mundo recebe!
Deixai que vá ao mundo generoso,
Onde se vive a vida do perdão!

Eles são! Eles são! Eles me dizem
Que meu furor colérico se suspenda,
E me ensinam seus peitos trespassados,]
E suas feridas com amor bendizem,
E seus corpos se estreitam abraçados,
E o favor pelos déspotas imploram!
E sinto já seus beijos em minha frente,]
E em meu rosto as lágrimas que choram!]

¡Campa! ¡Bermúdez! ¡Alvarez! Son
ellos,]
Pálido el rostro, plácido el semblante;
¡Horadadas las mismas vestiduras
Por los feroces dientes de la hiena!
¡Ellos los que que detienen mi justicia!
¡Ellos los que perdonan a la fiera!
¡Dejadme ¡oh gloria! Que a mi vida
arranque]
Cuanto del mundo mísero recibe!
¡Dejad que vaya al mundo generoso,
Donde la vida del perdón se vive!

¡Ellos son! ¡Ellos son! Ellos me dicen
Que mi furor colérico suspenda,
Y me enseñan sus pechos
traspasados,]
Y sus heridas con amor bendicen,
Y sus cuerpos estrechan abrazados,
¡Y favor por los déspotas imploram!
¡Y siento ya sus besos en mi frente,
Y en mi rostro las lágrimas que lloran!

José Martí

**[A mis hermanos muertos el 27 de
noviembre, Madrid, 1872 (12-13;154-
171).]**

Introduction

1 – AMÉRICA LATINA OU AMÉRICAS LATINAS?

(...) a América Latina: é uma, ou várias, ou nenhuma? Talvez seja apenas um rótulo que, mais do que nomear, oculta uma realidade em ebulição – algo que não tem nome próprio porque tampouco conseguiu ter uma existência própria.

Octávio Paz

1.1 – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O que melhor define a "América Latina" é sua situação de "longa espera". Um *statu quo* que se impõe desde a segunda década dos oitocentos, período em que se instaura a "Independência" da grande maioria dos países do "subcontinente" americano.

Este conceito de América Latina se mostra bastante complicado, o que permite sua singularidade; eis o motivo da dificuldade em precisá-lo ou rememorar-lhe a história, como também criticar seu uso¹. Sua singularidade encontra-se para além de uma língua comum (idiomas originários do latim), pois está abarrotada de fortes sentimentos culturais, amparada em uma história não muito distinta de referida situação, senão, bastante significativa e semelhante.

Mesmo estando ligada a um vínculo histórico muito forte, sua condição natural e econômica traz à tona uma enorme disparidade de relações sociais e fatores; uma problemática condicionada culturalmente, dessa tão heterogênea "América Latina", com seus, também múltiplos, componentes e personagens. Então, o que poderíamos especificar como sendo uma peculiaridade forte e definitiva dessa denominação? Talvez, o representante mais forte e definitivo da autenticidade desse grande

¹ ROUQUIÉ, Alain. "O que é América Latina?", In: *O extremo ocidente: Introdução à América Latina*. São Paulo: EdUSP, 1991, p. 21.

subcontinente, seja o fato de estar impregnado por uma cultura de conquistado e/ou explorado, bastante evidenciada, o que dá a essas "Américas Latinas" o rigor de sua conceitualização (um infeliz embrião que se encontra na condição eterna de escuridão, obrigado a recolher migalhas dessa "latinidade" quíntecenária).

Segundo Rouquié, o termo possui uma dimensão oculta que a completa, dentro da acepção de vagas extrapolações e longínquas generalizações inconsistentes² (!), auferindo ao seu conceito a materialização do nada, ou seja, por ser uma conceitualização bastante vaga e indeterminada, corresponde à personificação de um vazio identitário. São vários fatores condicionantes, mas, ao mesmo tempo, não se consegue juntar tudo isso em algo consistente.

A ambigüidade do referido conceito é o que vai identificá-lo como matéria existente, contudo, só existe América Latina se existir Europa, logo, observamos que aquela só se configura como tal, tendo como parâmetro o Velho Mundo. Ou, em outras palavras, somos aquilo a que nos "predispomos", em relação ao conquistador. Uma relativa unidade de destino (tanto o sul, como o centro; tanto Portugal como a Espanha nos unifica) que nos legitima e que nos aproxima como "repúblicas irmãs". Somos o Outro aos olhos do Velho Mundo, "surgidos e condicionados pelas descobertas" da Idade Moderna, incutindo-nos um tempo peculiar.

Esse "tempo americano" desenvolve-se mais acelerado que o tempo do Velho Mundo; existe um afã de buscar tudo aquilo que longamente foi negligenciado. Desde as "Independências" até o presente momento, a América Latina encontra-se na periferia do mundo, fazendo-se necessário "recuperar o tempo perdido".

Contudo, são essas esperanças que, muito longinquamente poderão florescer, pois, acima de tudo, somos o Outro, que ainda não se conhece totalmente e que,

² Ibidem, p. 24.

sobretudo, se encontra extremamente fragmentado. Nem mesmo a língua dos países consegue homogeneizar este ambíguo conceito. Juntamente com esse conceito, existe um outro que, culturalmente falando, se mostra mais complicado ainda; é o de Hispanoamérica. Provavelmente, ele se caracteriza por aquilo que Octávio Paz denominou "labirinto da solidão"³; uma eterna busca de respostas e significados.

É um porvir ainda distante, mas que marca a ferro e brasa a significação do ser hispano-americano, e que o persegue eternamente. Ele, uma vítima de sua própria história; uma consequência de sua própria existência.

1.2 - AMÉRICAS E AMÉRICAS: DISCUSSÕES HISPÂNICAS

A abstração que circunda esse conceito, ao ser estudada, revela uma disparidade de fatores, responsáveis pela difícil tarefa de criar uma identidade deste povo que, indistintamente, recebe as várias denominações de: 1) Ibero-americanos; 2) Latino-americanos e, mais especificamente, Luso-americanos (colonização portuguesa) e Hispano-americanos (colonização espanhola), este último é a personagem principal de nossa trama.

Toda essa conceitualização acarreta uma certa confusão aos olhos do homem americano que, pela primeira vez, entra em contato com esse grupo heterogêneo de homens, homogeneizado por uma colonização, sobremaneira, predativa e intervencionista.

Esse caos de conceitos mostra-se evidente, no exato instante em que fazemos emergir aos nossos olhos posicionamentos geográficos, históricos e, ademais, culturais.

³ Podemos encontrar uma coletânea de ensaios, escritos por Octávio Paz, sob a égide desta nomenclatura: *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

A maior preocupação de Paz, referente a essa difícil tarefa de homogeneização, é, segundo ele, a estrutura que inaugurou historicamente este conceito, como também sua sistematização.

De fato, a América Latina (e em específico a Hispânica) vê-se fundamentada numa concepção histórica, sociológica e política muito complexa. O que vai dificultar uma sistematização concreta da noção de "literatura latino-americana" (leia-se "linguagem latino-americana").

Embora tenhamos uma dispersão da(s) literatura(s) latino-americana(s), como lastro de pesquisa, esta contribuiu em grande medida para a confecção de uma identidade cultural, o que possibilitou a formação dos estados nacionais.

Se nos atermos aos escritos dos vários pensadores que refletiram sobre esta situação identitária, logo notaremos uma linha que se repete... sempre levantam as mesmas preocupações. Apesar de existir propostas as mais variadas, se igualam nesta busca constante de um passado que justifique o presente (ainda colonizado).

Uma literatura estruturada no "fundir-se com a terra, e também no estender-se no espaço"⁴, isto é, quando os hispano-americanos escrevem, assim o fazem para tentarem criar-se a si mesmos, "fundir-se com a terra", que é seu lar, logo, seu ser por excelência. Todavia, seu ser se "estende no espaço"; se perde no tempo. É quando percebemos que essa sua existência está em conflito, sendo criada constantemente; a cada minuto de vida.

Essa literatura e/ou essa linguagem mostra-se, às vezes, em uma máscara, outras, numa paixão, mas, segundo Paz, jamais em um costume e/ou hábito. A americanização é permanente no dia-a-dia dos hispano-americanos; eles jamais consideram-se espanhóis, ao contrário, eles os denunciam ao mesmo tempo em que

⁴ PAZ, Octávio. "Poesia latino-americana?". In: **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva. 1976. p. 146.

os legitimam, uma vez que essa denúncia é feita no idioma espanhol, uma língua estranha à sua cultura, mas, ao mesmo tempo, formativa.

Nessa eterna contradição, os hispano-americanos encontram-se escravos de uma cultura imposta, mas legítima. Talvez seja por isso que se consideram como um eterno *dever* e um eterno fazer-se, ou melhor, estão mascarados dentro de um "labirinto de solidão", e esta solidão tenta expressar o que eles têm de mais essencial, sua existência.

Ante essas incertezas, a linguagem mostra-se como uma vestimenta, e esse espanhol "americanizado" é o próprio homem, contraditório e batalhador, que se "veste" como uma nostalgia de futuro, inserindo-se na própria modernidade que forja para si.

As três etnias que compõem esse homem são o índio, o negro e o mestiço, jamais o branco europeu; os primeiros eternamente enclausurados em seu exílio próprio. Possuidores de sua orfandade, não tentam resgatar o passado; sabem que não lhes pertence, visto que não são espanhóis nem índios, senão, órfãos de seu próprio vazio. Contudo, sua palavra toma-se para eles próprios, sua fundação. Nesse interim visualizamos uma literatura rica e de auto-afirmação, sempre distinta de seus patrícios.

Um exemplo bastante claro sobre essa situação de "não-incluídos", na sociedade hispano-americana, é o caso de Garcilaso de la Vega, filho de uma princesa Inca e de um conquistador espanhol. Em vários de seus escritos, ele deixa bem explícita a sua posição étnico-social. Quando vai se auto-definir como mestiço, sua conformação cultural fundamenta-se num eterno conflito.

Vejamos:

Aos filhos de espanhol e índia ou de índio e espanhola, chama-nos mestiços, para dizer que somos mezclados de ambas as nações; [o

nome] foi imposto pelos primeiros espanhóis que tiveram filhos com índias, e por ser nome criado por nossos pais e por sua significação, assim me chamo eu a boca cheia. (*Comentários*, Liv. IX, Cap. XXXI, t. IV, p. 163)⁵

A "reivindicação" da nomenclatura de mestiço, segundo Garcilaso de la Vega, não partiu dos povos ameríndios, ao contrário, foi uma alcunha advinda do Velho Mundo, logo, não fazia parte dessa existência americana. Dessa forma, até na terminologia, De la Vega percebe uma imposição.

É a partir dessa imposição que o Inca escreve, e, ao "requisitar" sua circunstância de mestiço, usa de uma triste "vocaçã" (que é sua situação de não pertencimento), a mesma proveniente dessas duas "raças". Com isso, apresenta-nos um discurso melancólico, vário e conflituoso, porque ele é a semente de dois sangues: situação que não o deixa descansar.

O menosprezo percebido nessas amargas auto-definições é sinal veemente de uma ocorrência de vazio, ele não consegue situar-se numa posição firme e convicta. Contudo, o que mais causa espanto no pensamento desse "mestiço" (sem pertinência), é a ambigüidade ácida e crua de suas palavras. São esses vocábulos que servirão de escape para o conflito que queima seu interior e o de tantos outros "mestiços", que virão após sua passagem pelo mundo.

Um outro que, mesmo após a "reviravolta" do tempo americano, ainda não se enquadra ao seu próprio tempo é Octávio Paz. Em um ensaio intitulado *Literatura de fundação*⁶, ele tenta conceitualizar a conjuntura do americano e de sua terra: "*Americanos: homens de pouca realidade, homens de pouco pêso (sic). Nosso nome nos condenava a ser o projeto histórico de uma consciência alheia: a européia.*"

⁵ Apud.: CORNEJO POLAR, Antônio. "A 'invenção' das nações hispano-americanas. Reflexões a partir de uma relação textual entre o Inca e Palma", In: *O condor voa*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000, p. 62 (Humanitas).

⁶ Cf. PAZ, op. citado, pp. 125-131.

(PAZ. Op. citado, p. 127). Uma situação espaço-temporal, que, mesmo antes de tornar-se existente, já existia no imaginário europeu. Talvez essa seja a peculiaridade que unifica o homem americano, ao mesmo tempo em que o confunde, deixando-o atônito com tamanha ambigüidade. É o eterno estado de órfão da sua existência.

O Inca não vislumbrou a "Independência" de seu povo, ao contrário do que aconteceu com Paz, que já faz parte dessa geração de órfãos pós-independência. Todavia, a orfandade existente no "povoado" dos pensamentos do Inca, como nos de Paz, continuará se repetindo, tanto antes como após a propalada circunstância de liberto; a mesma que ambos não conseguiram viver, sempre escravos deste tempo de futuro, ou melhor, o pêndulo do "vir-a-ser".

*"A independência hispano-americana foi uma negação do passado espanhol. (...) Os hispano-americanos queriam derrubar a velha ordem e substituir o universalismo católico e monárquico pelo universalismo da Ilustração e da Revolução Francesa."*⁷. Presos à "sistematização" de sua origem, bem como à estruturação de sua orfandade, a contradição persegue esses homens. Ao mesmo tempo em que tentam se desvencilhar do passado colonial, buscam fundamentação na "Nova Ordem", do Velho Mundo.

Sentem-se presos a um passado remoto, mas intrigante e incômodo. Junto à negação da Metrópole, nela se embasam, embora sua localização esteja um pouco mais a leste, é a velha França ditando novidades, e essas últimas, buscadas com afinco, tentando assim a "libertação".

Apesar de ser um movimento legítimo, a independência viu-se abortada ainda em seu cume, adotando constituições republicanas (copiadas em sua maioria), mas deixando intacta a ordem agrária e escravocrata de seus tempos de Colônia. O

⁷ PAZ. "Poesia latino-americana?", In: Op. citado, p. 149.

dominador mudou de roupa, antes era a Metrópole, depois da "independência" foram os caudilhos militares e os latifundiários.

A situação de mentira torna-se fato corriqueiro na vida desses homens, a fragmentação divide o continente em "republiquetas de banana" (excetuando "pequenos continentes", como o Brasil, Argentina e México), e a ação dos imperialismos sobre o continente consoma o fracasso da tão propagada independência. Mais uma vez, tais homens vêem-se mergulhados em sua orfandade.

Sob os auspícios desta situação, Paz rememora Rousseau, incutindo aos países hispano-americanos a inocência original. Sempre vítimas das circunstâncias, esses homens "americanos" acusam e cobram pela inocência perdida. Culpando os patricios, transformam-se em objetos da história, sendo, então, negligenciados de seus direitos de sujeito.

Junto a essa orfandade, os hispano-americanos estão condenados à eterna busca de suas origens, chegando até a imaginá-las, forjando uma história que querem para si. Suas palavras são a voz que, dentro da história, diz outra história; aquela buscada em cada ato e a cada dia. Ou, como Octávio Paz mesmo define: "(...) *encontrar a palavra da origem e fundar uma sociedade não são, no essencial, tarefas contraditórias, mas complementares.*"⁸

A busca da palavra original é a própria fundação de sua sociedade; um vocábulo que está em eterno *fingimento*⁹.

Após essa discussão, podemos então mostrar os anseios do apóstolo, bem como, seu *fingimento* diante de uma situação estranha a si mesmo, contudo que pode ser modificada, como de fato ele pretende.

⁸ *Ibidem*, p. 153.

⁹ Este é o fingir que Fernando Pessoa incutiu aos poetas (homens das palavras), ou melhor, a criação constante de uma história em formação e eternamente incompleta. Cf. "Autopsicografia", In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1977, pp. 164-5.

2 – JOSÉ MARTÍ; O HISTÓRICO DE UMA VIDA “APOSTÓLICA”

O escritor, poeta, crítico literário e também filósofo cubano, José Julián Martí y Pérez, dedicou toda sua vida a uma luta considerada justa e humana, e é este homem a personagem principal de nosso trabalho, como também sua vária produção, em específico, sua obra voltada para a consolidação dessa luta humana e justa.

Por meio de relatos deixados pelo poeta para a posteridade, como é o caso do ensaio **Nuestra América**, fundamentaremos uma compreensão mais ampla e aprofundada acerca da questão identitária da América Latina¹⁰, tão amplamente difundida no seio da sociedade cubana dos noventa – ainda colônia espanhola junto com Porto Rico, os dois últimos redutos de referida exploração –.

De acordo com a biografia de Martí, têm-se que o mesmo nasceu no dia 28 de janeiro de 1853 na cidade de Havana, tendo como pais os espanhóis Mariano Martí e Leonor Pérez, ambos radicados em Cuba. Filho de família pobre, não teve como obter uma formação educacional, uma vez que, para tal, se fazia necessária uma condição financeira estável. A educação primária desse período estava nas mãos de preceptores, ou seja, pessoas contratadas pela família para acompanhar seus filhos no ensino das Ciências.

Embora não houvesse nenhuma possibilidade para a família de Martí em educá-lo de forma completa, em 1866, o poeta Rafael María Mendive¹¹ resolveu

¹⁰ Como dito no subcapítulo anterior, a América Latina fundamenta-se numa conceitualização vária e ambígua, perante isso, a concepção aqui trabalhada tem a ver com a colonização americana, feita pelos ibero-europeus. Entretanto, optamos por estar delimitando nosso objeto de estudo somente nos países de língua espanhola, especificamente Cuba.

¹¹ Rafael Mendive, preceptor de José Martí, já tinha como “pano de fundo” em seus escritos os pressupostos da questão identitária, principalmente no que se refere a independência colonial.

"adotar" o menino, já com seus 13 anos de idade. A partir daí, inicia-se o processo de construção de um pensamento voltado para a identidade hispano-americana.

Em 1869, Martí é deportado de Cuba, passando dois anos na ilha de Pinos, condenado por infidelidade à "Pátria espanhola", para logo depois, em 1871, ser enviado para a Espanha, onde retoma sua formação intelectual, fazendo estudos em Filosofia, Direito e Letras.

Com os pressupostos revolucionários de seu preceptor, tais como a independência, a autonomia e o olhar voltado para a América, a obra humanística de Martí, de acordo com essa formação, tem, no ano de 1891, seu ápice, quando publica o ensaio intitulado **Nuestra América**, síntese da configuração identitária americana que concebia (vale ressaltar que seu projeto visava toda a América Latina).

O ensaio **Nuestra América**, dentro da produção literária do autor, sobretudo da época, é uma obra bastante crítica, na qual ele consegue juntar toda a problemática até então em discussão¹², revertendo os conceitos vigentes e inaugurando uma nova concepção, mais humanística, senão revolucionária, acerca de tal conceitualização.

Após uma vida voltada para a conformação de uma existência mais digna para seus compatriotas (mesmo não vivendo em Cuba), tendo passado pela fundação do Partido Revolucionário Cubano (com sede instalada em Nova Iorque), sendo, inclusive, um de seus delegados. Além disso, passou também por vários cargos diplomáticos como os consulados do Uruguai em 1887 e da Argentina em 1890.

Resolvendo voltar para Cuba na guerra de independência no ano de 1895 morre em campo de batalha, defendendo a liberdade cubana (talvez, seria esse o instante em que se instaura a áurea mítica do autor).

¹² No período histórico em específico, circula entre as teorias identitárias, uma série de concepções, sobremaneira as de cunho preconceituoso (barbárie/civilização). Tendo Martí inaugurado uma nova

Ante a formação identitária (leia-se libertária) desses *rincones*¹³, o poeta visualizava a libertação cubana do jugo espanhol e, assim, morre lutando por esse ideal de liberdade.

Mesmo não tendo concretizado seu projeto maior, que sena ver Cuba e toda a América Latina livre do jugo europeu, sua vida é exemplo de militância, dedicada à total e inalienável libertação dos homens.

2.1 - JUSTIFICATIVAS HISTÓRICO-TEMPORAIS MARTIANAS

Dentre as justificativas de nossa discussão, a principal é tentar aventar, a partir do autor José Martí, uma concepção de mundo diferenciada, onde os homens passarão por um processo de reestruturação dos valores sociais, tentando, com isso, trazer à tona a massa de *sumergidos*¹⁴ que circundam todos os grandes e pequenos agrupamentos humanos.

Sabemos que os homens podem ser mais humanos perante seus iguais, como tanto queria José Martí, junto à comunidade americana. Fraternidade que se evidenciaria no forjamento de uma identidade voltada para a simplicidade e sinceridade própria de tais homens, a mesma que tentou profetizar na sua **Nuestra América**.

E, sobremaneira, a mesma que nos proporcionará falar acerca desses homens como sujeitos *nuestramericanos*¹⁵, capazes de pensar além dos limites impostos pela

forma de vislumbrar essa identidade (mais adiante, noutro capítulo, discorreremos mais detalhadamente sobre esta "problemática").

¹³ A palavra *rincones* vem para definir toda a extensão do continente americano, e Martí a emprega para vislumbrar todos os lugares desse grande continente.

¹⁴ Esta expressão tem a significação de excluídos, porém a usarei em espanhol a partir de agora, para usar do próprio Martí, como também reforçar esta condição.

¹⁵ A expressão *nuestramericano* é empregada pelos estudiosos de Martí; após a publicação do ensaio **Nuestra América** (1891), em que o autor conclama o "*hombre natural*" a lutar por sua terra, e ainda, no

tradicional cultura sócio-econômica e, quiçá, incluir Martí dentro de uma concepção humanisticamente viável.

A perspectiva de estar instrumentalizando uma identidade revisitada para os povos nustramericanos faz da pessoa de Martí um ser dinâmico. Ao opinar junto a outras áreas, e até propor um novo método de ver a vida, o poeta envereda pela área da pedagogia.

Exemplo disso é o livro *Ismaelillo*, dedicado a um "niño ideal", em que o autor precipita-se por estar propondo novas técnicas pedagógicas. Responsáveis pela formação humanística desse futuro homem para o qual escreve. Isso é visto na forma como trata as crianças, e também na revista *La edad de oro*, que ficou em apenas três números, esta não dedicada aos "niños ideales", mas às crianças "normais".

No período em questão nota-se a presença da criança como um "ser inferior", sempre que os autores de literatura infantil remetem-se a elas, assim o fazem pondo-as no papel de "alminhas" sem conceitos e vazias de outros conhecimentos. Por sua vez, Martí tem nelas um ser em formação, que necessita ser tratado da forma como gostariam, ou seja, sujeitos de um tempo e de um espaço diferenciados dos adultos, mas jamais inferiorizados.

De maneira geral, pode-se dizer que Martí caminha lado a lado com essas crianças:

El niño desde que puede pensar, debe pensar en todo lo que ve, debe padecer por todos los que no pueden vivir con honradez, debe trabajar porque puedan ser honrados todos los hombres, y debe ser un hombre honrado. El niño que no piensa lo que sucede alrededor, y se contenta con vivir, sin saber si vive honradamente, es como un hombre que vive del trabajo de un bribon y esta en camino de ser bribon. (*La Edad de Oro* N° 1, Jul. 1889)

mesmo ensaio, tenta moldar a figura desse homem, adequado à administração do continente americano, único capaz de conhecer as peculiaridades da terra, assim, único que poderia construí-la como nação.

Os valores empregados no dia-a-dia serão uma espécie de reflexos tortos daquilo que, na "matriz", se mostra como instituição de reconhecimento dos homens junto aos seus pares, é quando podemos delimitar de forma coesa, na educação incitada por Martí, um meio de concretizar identidades, valores e memórias voltados para um fim único e universal, qual seria a libertação de todos os grilhões que acorrentam a **Nuestra América**, até mesmo o triste destino de orfandade desses "homens do futuro".

Junto com esse ponto de vista, a pessoa de Martí tem, no seu fundamento humanístico, noções de realidade muito além do próprio tempo.

Martí é uma página da história que inaugura os conflitos e temores do homem no definhamento de uma era nova, a modernidade, que chega de assalto e o encontra lúcido.

Capítulo 1

1 – EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE CULTURAL

(...) uma história sempre começa pelo ponto de partida do historiador, que procura sustentar a legitimidade de sua visão pessoal, através de sua interpretação da produção literária do passado. Portanto, concordamos em que as diferentes propostas dos historiadores deram lugar às diversas e muito variadas imagens do que se escreveu e das condições materiais e intelectuais em que tal escrita se realizou.

Mario J. Valdés

1.1 - O "PROBLEMA" DAS IDENTIDADES

Desde o "descobrimento" americano, o que temos notado é uma retilínea constante e ininterrupta, em que as representações intelectuais e cognoscentes do Novo Mundo configuram-se como padrões impostos, e que, de larga data, vêm sendo reproduzidos. Dessa maneira, pretensiosamente, moldou-se a identidade remetida a tais homens (do Novo Mundo), todavia alguns intelectuais têm atentado a fundamentar teorias próprias para a "construção" de seus povos.

Oriundos do Velho Mundo, os conceitos forjados, há muito, têm comprometido o estado identitário do ser nuestramericano, que também é natural, pois, aqui absorve de ferramentas inerentes à sua sobrevivência. Quando feitas, essas transposições poderão interferir, em grande medida, no "aprendizado" de um tempo, não só como apreensão de verdades ora impostas, como também sustentadas por valores arbitrários.

As identidades, ao longo do tempo e do convívio entre distintas comunidades, têm sofrido um grande acréscimo de "conceitos", tornando-se não mais "puras", e, embora isso possa enriquecer culturas e valores, existe também o risco da perda.

A interferência cultural torna-se danosa, se agir de forma desconhecida no ato de sua implantação, porque todas as formas de convergências devem estar interligadas com a peculiaridade de um povo e, dessa forma, acumular conhecimento em vez de substituir. Sabemos ainda que, quando se substitui, ocorre uma interferência em que, na maioria das vezes, transveste de forma errônea alguma cultura.

Incorporar com o intento de personalizar, à maneira específica de alguma realidade já evidenciada, é algo a ser buscado e aprimorado ao transvestir novos conceitos, e não impor situações exóticas.

Ante essa perspectiva, o acréscimo de valores, com todos seus desdobramentos identitários, pode sofrer interferências junto às mais diferentes comunidades culturais (as vezes de forma nociva, outras não). Intencionando acrescentar, ele soma incorporações necessárias a um determinado fim, que seria a conformação identitária de valores comuns.

Junto a esses valores, evidenciamos uma comunidade em especial e uma personagem específica: a sociedade cubana e o seu "culto" à pessoa de José Martí, na qualidade de um mito, em grande parte do Caribe, América Central e até da América do Sul.

1.2 - UMA BREVE DISCUSSÃO ACERCA DAS IDENTIDADES

As características do processo de colonização conformaram a identidade hispano-americana, sua rede de contradições reforça essa colonização, sendo a mola propulsora do processo histórico. Evento responsável pela legitimação da identidade *nuestramericana*.

Uma totalidade igualmente contraditória, inserida nessa heterogeneidade étnico-social é a explicação do vínculo central das lutas hispano-americanas rumo à autonomia, logo, esses mesmos vínculos reforçarão a "integridade identitária" desta última, estabelecendo, em cada caso específico de resistência a rede de contradições, personificada na imagem da Metrópole. O que define esse objeto e o modo como tais resistências consagram-se, transformando e respaldando historicamente as identidades nacionais¹.

A literatura da América Hispânica mostra-se como uma totalidade contraditória, mas com diversos setores em íntima e profunda relação instrumental e ideológica; talvez isso se deva à forma como foi colonizada e redirecionada desde sua origem eurocêntrica.

Segundo Cornejo Polar, essa literatura deve ser considerada como uma força figurativa, que conforma e nutre o forjamento de uma certa identidade, logo, ela é derivativa de uma história literária de alguém ou de um determinado tempo. Sem esquecer, todavia, que conflitos também ~~a~~ ^{contra} configuram identidades, mesmo porque, quando um povo luta ~~com~~ ^{contra} um inimigo comum, a tendência é a união das forças. Muitas vezes, é a partir dos embates que se cria literariamente algo.

Ante os contratempos e justaposições interventores desse caminho de forjamento das identidades culturais, ainda existe um ponto com o qual nos amparamos para, com ele, tentar compreender as representações e simbologias, que o ideário popular concebeu diante da formação desses valores peculiares, fazendo com que se vislumbre, aos nossos olhos, resquícios de algo "essencial", responsáveis por certas atitudes reinantes.

¹ Cf. VALDÉS, Mario J. "Conversação com Cornejo Polar sobre a história da literatura Latino-americana" (Introdução). In: CORNEJO POLAR, Antônio. *O condor voa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 11 (Col. Humanitas).

É quando nos respaldamos na seguinte afirmativa: a memória de um povo, ao ser abordada, remeterá aquilo que esse povo tem como identidade própria, pois o mesmo passa a reproduzir, levando até a posteridade, as peculiaridades que quer deixar registradas.

Ademais, um fato essencial a essa nossa discussão é o seguinte; a memória coletiva desse povo sente-se desamparada e desnuda de instrumentos, sendo necessário forjar uma vestimenta para se agasalhar. Assim, o mito político² tem o papel de cobrir a fragilidade presente no passado deficitário e ausente desta determinada comunidade.

Nota-se, perante a referida situação, uma crise fortemente estruturada. A saber, essa é a chave da compreensão do mito político, forjador dessa identidade própria, que só surge em momentos de crise social. É nesse instante que encontramos a instrumentalização da memória coletiva, em íntima justaposição à validade mítica.

Percebe-se o forjamento do mito político no bojo da inquietação social, logo, ele se confirma como instrumento de unidade para os desvalidos, que se vestem de contornos libertários e inspiradores.

O fato do desenvolvimento desse processo incidirá sobre as "cabeças" das pessoas de determinado grupo, é quando convencionamos o referido fato como memória coletiva. Isto é, tudo aquilo produzido no decorrer desse processo de desenvolvimento das identidades, tais como: credíes populares, atos, escritos, registros etc., recairá sobre o tempo dos que virão como algo a seguir, inaugurando a memória para que não se dissolvam no percurso de sua sobrevivência/existência, os feitos e as significações peculiares a esse povo.

² O "mito político" se refere à criação de um ponto de referência (um indivíduo), que irá unir uma determinada comunidade ao redor de um mesmo fim. Ou seja, cria-se uma situação, dentro dessa situação surge um herói para logo em seguida fazer com que este herói seja o ponto de referência para conseguir uma determinada situação.

Podemos afirmar, ainda, que a memória de um povo só se forja junto a um conjunto de representações visualizadas por um dado povo e sua visão de mundo: representações forjadas em um tempo distinto e singular. Uma vez que a identidade visualizada por Martí só poderá ser encontrada em seus escritos e também nas suas representações de mundo (todas elas localizadas nas palavras do *Apostol de Nuestra América*³ junto aos seus textos em prosa e em verso), auferimos a estes escritos o elemento forjador de uma identidade que pretendia-se latino-americana.

Um exemplo bastante contundente desse processo pode ser vislumbrado nos hábitos indígenas de conservação de suas peculiaridades essenciais; segundo Anita Arroyo, ao se confrontar com a cultura:

(...) estrangeira em sua própria terra (...), pelo transplante de modos e formas de vida que lhe eram estranhos, o indígena se viu subjugado rapidamente, por uma civilização estranha, à qual não podia adaptar-se tão rápido. Sem poder assimilar o novo e alheio; e sem poder abandonar o tradicional, o nativo, o 'seu', o índio da América se viu encolhido na tremenda encruzilhada de sua impotência e lentamente foi assumindo, de modo inconsciente, a única postura que lhe era possível adotar: uma resistência passiva, para conservar suas origens, e uma resistência ativa – instinto de conservação – em múltiplas vias – uma das mais manifestas foi a arte –, exercendo constantemente uma lenta, porém decisiva influência de seus costumes, sua idiossincrasia e, em geral, seus hábitos e formas especiais de vida sobre os conquistadores, e a seus postos, também conquistados [como no caso das civilizações pré-colombianas].(tradução livre)⁴.

Após esse processo de luta, os nativos hispano-americanos, mesmo sendo subjugados pelos colonizadores, conseguiriam resistir à nova cultura que adentrava

³ Cf. ARMAS, Ramón de. **José Martí, forjador de pueblos** In: CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS, Havana – Cuba. Citado dia 08/12/1999, Internet (Online), carregado no sítio: <http://moose.carthe.com/marti/articulos.htm>, p. 02 (impresso). Ali podemos encontrar a denominação de Apostolo, e a mesma tem a ver com "su intensa labor política, educativa y [sua] conscientización entre los más amplios sectores de emigrados cubanos y puertorriqueños (...) sus propios contemporáneos, le dieron, en vida, los honrosos calificativos con los que se le ha caracterizado por su pueblo, y con los que se le designa en Cuba, en las Antillas y en la América Latina aún en nuestros días: el Apostol y el Maestro."

⁴ Cf. ARROYO, Anita. "Etapas en el descubrimiento de América" In: **América en su literatura**, 2 ed., Barcelona: Editorial Universitaria/Universidad de Puerto Rico, 1978, p. 4.

suas portas, de forma artística e ideológica. Conservando sua língua nativa (apesar de não terem sido todos, uma grande parte conseguiu fazer isso) e seus costumes. A saber, no México existem dois exemplos vivos dessa resistência: ainda hoje é comemorado o Dia dos Mortos, data que fazia parte do calendário das civilizações pré-colombianas (Astecas), assim como o Movimento Zapatista, tipicamente voltado para os excluídos, com intentos de libertação indígena e ladina⁵.

Em outras palavras, mesmo sob o jugo cultural espanhol, conseguiram preservar resquícios de sua simbologia essencial, reforçando ainda mais a singularidade de seu povo, e, como tal, uma estrutura fundamental para a conservação dessa harmonia de culturas (ameríndias), que particulariza a Iberoamérica. Mesmo sob o jugo do sabre espanhol, a tradição indígena manteve-se forte e unida, resultando numa fusão que caracterizaria, a partir daí, a forte criação popular dos ibero-americanos (em específico, os hispânicos), e, sobretudo, os símbolos ímpares de uma civilização harmônica espiritualmente e, ao mesmo tempo, tão distinta localmente.

Em contrapartida, existe um outro exemplo análogo a esse processo de "culturalização": ao tomar a principal cidade Asteca, os colonizadores espanhóis mandaram derrubar toda sua estrutura e, em cima, construíram a Cidade do México, como forma de matar a cultura Asteca, não conseguiram. De fato, o exemplo também se mostrou do outro lado da história; ao mesmo tempo em que os colonizados tentavam preservar sua cultura, os colonizadores tentavam matá-la, visto dessa forma, aconteceu uma "contra-resistência", ou seja, destruindo a resistência indígena destruir-se-iam também suas armas preservacionistas.

⁵ Ladino: termo que em Chiapas é utilizado para indicar aquele que não é indígena, ou seja, os brancos e os mestiços que na sua grande maioria fazem parte dos excluídos mexicanos. Cf. <http://www.ezln.org/>.

Ao lado disso, o "nacionalismo espiritual", como definiu Pedro Henríquez Ureña em seu ensaio *La utopía de América*⁶ de 1925, situado acima do nacionalismo político, expressa muito bem a essencialidade que se encontra inerente ao espírito ibero-americano, na sua necessidade de defender este caráter genuíno, forjado a partir de bases sólidas, originárias da junção cultural, e ainda, acarretada ao longo dos séculos, entre colonizados e colonizadores.

O mesmo nacionalismo que uniformiza a "linha ideológica", característica dos ibero-americanos (essencialmente, esse nacionalismo encontra-se inerente a cada comunidade cultural), delimita lutas locais ao longo do continente, e cada luta conforma anseios próprios à sua espacialidade e temporalidade, ou melhor, conforme suas necessidades. Por mais que esses povos mostrem-se estruturados numa diversidade de culturas e costumes, o caráter explorador, tirano e colonialista da Metrópole une e harmoniza-os de forma bastante revigorada.

De fato, ao comentar sobre a estrutura colonial mexicana, Ureña traça um perfil mais amplo (característica própria de todos os homens que pensaram a América de forma ideológica, e estruturada em um grande continente com diversas expressões culturais, mas, ao mesmo tempo, com os mesmos anseios) do que ele concebe por "expressão ibero-americana", remontando um histórico das Américas. Definindo-a de forma autóctone e singular, rememora Hegel com a intenção de caracterizar o Novo Mundo como uma posição de "devir" no contexto ocidental, e, com isso, enaltece o significado da utopia como almejo inspirador, buscando raízes dessa aclamação na Antigüidade Clássica.

O povo grego dá ao mundo ocidental a inquietude da emancipação constante. Quando descobre que o homem pode, individualmente, ser

⁶ Cf., op. citado. Internet (Online), citado dia 29/02/2000, carregado no sítio: <http://ensayo.rom.uga.edu/antologia/XXA/h-urena.htm> (impresso).

melhor do que é, e socialmente viver melhor de como vive, não descansa para averiguar o segredo de toda melhoria, de toda perfeição. Julga e compara; busca e experimenta sem descanso; não se arrepende da necessidade de trocar de religião e valores, à fábrica social e aos sistemas políticos. É o povo que inventa a discussão e a crítica. Observa o passado, e cria a História; observa o futuro, e cria as utopias. (tradução livre)⁷; [enobrecendo, outra vez, a idéia clássica de utopia como um jogo de imaginações pueris, que se solidificam na virilidade de um povo beligerante e destemido.]

Remontada desde *A República* de Platão até o Renascimento europeu, a utopia é o liame que conduzirá a História dos homens, logo, também dos hispano-americanos. Em outras palavras, Ureña caracteriza a Iberoamérica como espírito prático da utopia criadora, do porvir ocidental, a mesma que fomentará a formação espiritual desses homens⁸.

Denominando a América Latina (aqui percebemos uma maior amplitude do processo libertário, as fronteiras se dissolvem) como uma utopia que se realiza, Alfonso Reyes (seguindo a linha de Ureña) observa que isso só se tornou possível devido à síntese de "raças" criadora desse povo. Reforçando a peculiaridade da concepção identitária hispano-americana e defendendo a tese de que essa *mestizaje* é a base solidificadora da harmonia e do equilíbrio, se aproximam muito de Martí.

Em um de seus muitos ensaios publicados, Reyes apresenta muito claramente a tese da *mestizaje*, como sendo capaz de nivelar e igualar o hispano-americano a seu patricio, denotando a estes pensadores "mestiços" a posição de escritores de cultura internacional, reconhecendo o direito e a cidadania universal que conquistaram ou, com suas próprias palavras: "*E agora, eu digo ante o tribunal de pensadores internacionais que me escuta: conseguimos o reconhecimento ao direito*

⁷ ibidem, p. 4 (impresso).

⁸ A respeito da "caracterização" dessa utopia instrumental e sistemática, fomentadora de opiniões, valores e concretudes, discorreremos mais detalhadamente em um capítulo distinto deste trabalho, em que tentaremos abordar a sua valiosa importância e contribuição na concretização de atitudes e gestos.

e à cidadania universal que a algum tempo temos buscado. Alcançamos a maioria. Tão rapidamente os habituais a contarem conosco." (tradução livre)⁹.

O todo cultural, responsável pela "unidade cultural-identitária" da América Hispânica, pode ser encarado como um grande bloco espiritual estruturado, precisamente, nas semelhanças e nos propósitos desse povo. Situação que vai integrar a grande força que equilibrará todo o mundo hispano-americano, impregnado de sínteses, sobretudo nessa agônica crise que perpassa a civilização ocidental.

Os reflexos dessa base harmônica têm seu forjamento em vários instantes da literatura hispano-americana.

Com isso, tudo aquilo que esse homem iberoamericano produziu ao longo dos séculos – seja ficção ou ciência –, tanto objetos como palavras, nos mostram a subjetividade de seu ser mais essencial (sua identidade), logo, tais textos nos transportarão ao tempo ora referendado, na tentativa de compreender essa realidade. Podendo, assim, possibilitar-nos uma leitura mais aprofundada das pessoas desse tempo, personificando suas identidades tanto no seu instante vivido como nas eras vindouras, e ainda, segundo os reflexos desses atos humanos, delineados em palavras justapostas nas Letras Ibero-Americanas.

Além de mostrar tal subjetividade, também se configura como arma de batalha a guerra simbólica e representativa desses povos. Arma preponderante no processo de resistência cultural deste grupo, ímpar e muito bem instrumentalizado, sistematicamente, na maturidade de séculos de embates culturais e políticos.

A presença do pensamento de Martí, em especial (como de vários outros autores citados ao longo deste texto, pois todos contribuíram para a personificação das identidades em geral), encontra-se nos meandros da Revolução Cubana de

⁹ Cf. REYES, Alfonso. **Notas sobre la inteligencia americana**. Buenos Aires, setembro de 1936 (local e data de publicação). Internet (Online), citado dia 10/08/2000, carregado no sítio: <http://ensayo.rom.uga.edu/antologia.XXA/reyes.htm>, § 08, p. 06 (impresso).

1959. Temos documentos que atestam sua importância como um dos "tutores" dessa Revolução, sendo, muitas vezes, citado em vários discursos proferidos pelo "líder revolucionário" Fidel Castro ao longo do mundo, e ainda, na própria Revolução nos são mostrados vestígios de Martí, até mesmo Ernesto Che Guevara tem nesse homem a figura de um "mito", um sábio necessário para o concretizar daquele ato revolucionário investido no momento.

Historicizando o papel do intelectual nos processos revolucionários da América Hispânica, fontes respaldam a seguinte afirmativa; no século XIX (não somente nos novecentos, pois notamos resquícios de tais atitudes desde os seiscentos, com escritores(as) como Sor Juana Inés de la Cruz e Inca Garcilaso de la Vega, ambos promotores da emancipação humana individual e social, passando pelos setecentos com Simón Rodríguez e pelos oitocentos com Simón Bolívar; por meio da literatura), o espírito emancipatório que regeria a "orquestra" da revolução e evolução humana, encontrava-se intimamente inserido no ideário de vários autores. Os exemplos são: o chileno Andrés Bello, o argentino Domingo Faustino Sarmiento¹⁰, o uruguaio Rómulo Gallegos, sem olvidar José Martí, personagem central de nossa trama.

Todos eles personificaram, de uma maneira ou de outra, a vestimenta desse processo emancipatório. Diante desses dados, alguns levaram tão a sério seu "papel" emancipatório, que acabaram na administração burocrática de alguns países, como é o caso de Sarmiento, na Argentina, e também Alfonso Reyes, no México (já no século XX), na qualidade de colaborador administrativo.

Isso nos leva à seguinte certeza: esses intelectuais, vivendo em países submetidos à oscilação entre ditaduras e "anarquia" – além de sua constante exploração –, além de possuírem um histórico desprovido de qualquer tradição

¹⁰ Como veremos adiante, Sarmiento se diferencia em grande medida de Martí, chega a serem opostos.

democrática, sentiram-se responsáveis pela emancipação humana, a respeito de que tanto liam e escreviam, sendo compelidos a se tornarem legisladores e *reporteros*¹¹ desse tempo.

Inseridos nesse contexto, uma novela, ensaio ou poesia eram escritos (na sua grande maioria) para tentar melhorar a sorte dos *sumergidos*, o que, em contrapartida, incutia nesses intelectuais o estigma de revolucionários ou libertadores. Numa população com 90% de analfabetos, estes primeiros tinham uma menção semelhante a de heróis, como também de mitos (exemplo clarividente disso foi José Martí).

Segundo Carlos Fuentes: *"O papel romântico que o escritor se atribui é o de um libertador que desembainha a pena e rompe grilhões com a força de sua tinta iracunda."*(tradução livre)¹²

Conferindo-nos a certeza que vai justificar o quão importante, para a compreensão do processo histórico, se mostra não nos furtarmos à oportunidade de deixar de falar acerca da compreensão desses homens na qualidade de "mitos" para sua comunidade (Assim, tentaremos observá-los a partir de nosso ponto de vista crítico e reflexivo e atentando para a desmitificação desses nomes.).

Além de reforçar uma outra afirmação, também feita por Fuentes, o romance, ou qualquer outro gênero literário produzido por esses intelectuais, mostrará, singularmente, o testemunho da revolução, fabricando um documento sobre a natureza da vida social. Sobremaneira denunciando a rigidez desse instante e, ao mesmo tempo, exigindo mudanças, uma vez que a novela está fundamentada nas

¹¹ Esta palavra, de origem hispânica, mostrou-nos um empecilho muito grande na sua tradução, literalmente falando seria repórter, assim sendo, a usaremos em seu original. Como não temos, em português, outra que consiga expressá-la da forma mais correta possível, entenda-a como: intelectuais observadores que agiam ativamente em seu tempo, seja na forma burocrático-administrativa, seja na confecção de artigos para jornais, como também outras modalidades de gênero literário: crônica, conto, novelas e/ou ensaios.

¹² FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. México (DF): JM Editorial, 1999, pp. 12-3.

redes da realidade imediata e só pode refleti-la, fomentando e reforçando uma primeira mudança, que é qualitativa¹³.

Outro ponto que respalda a desenvoltura desses papéis é a existência de um mundo "épico" vivido por tais autores, que se encontra dividido por dois pólos: o dos explorados e o dos exploradores; uma eterna luta do bem e do mal, que acompanha a humanidade desde a era homérica irá ser reproduzida por esses "heróis", sendo necessário, como resposta a esse mundo, criar uma epopéia para justificar e reforçar referida situação¹⁴. Com o intento de propor alternativas viáveis, senão emancipadoras dessa massa de *sumergidos*.

À luz destas considerações levantamos a seguinte indagação: até que ponto esse "mito" tem interferido (ou interferiu) na construção de um povo? Temos claro, em nossas pesquisas prévias (como no livro *José Martí. Nossa América*, organizado por Fernando Peixoto), que Martí, com seus escritos, contribuiu para configurar o corpo de uma Revolução, logo, há muito tempo tem interferido na realidade social do povo cubano, principalmente na figura de seus "revolucionários", haja vista que Fidel Castro¹⁵ ainda vive e é exemplo veemente desse posicionamento histórico e cultural. Ainda hoje, muitos homens, cubanos ou não, o vêem como um "mito".

E ainda, este último pode conseguir exprimir relações que jamais poderiam ser visualizadas pelo viés temporal, revestindo-se da mais sagrada das evidências estruturais de uma certa sociedade, como é o caso das comunidades primitivas. É sabido que "(...) *tanto o mito como a poesia se situam dentro da esfera lúdica (...) [podendo esse mito] atingir uma penetração muito além do alcance da razão.*"¹⁶ É nesse instante que podemos ver como a fundamentação do mito torna-se forte no

¹³ Ibidem. p. 14.

¹⁴ Ibidem. p. 13.

¹⁵ Fidel castro é exemplo do político que parou no tempo e no espaço. É um "passadista". Sendo forçado a reconhecer essa situação de passado, atualmente começou a mudar seus valores.

¹⁶ HUIZINGA, Johan. "O jogo e a poesia". In: *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva. 1980. p. 144.

ideário cubano, atingindo um patamar sacralizado bastante intenso, além de capacitar a formação identitária desse povo.

No espaço do sacro, a natureza é a própria essência de uma afirmação, e a natureza cubana propicia a fundamentação desse "mito", respaldado na historicidade a ele conferida junto à Independência.

Além de transmutar o tempo, "o mito se mostra numa categoria temporal muito especial, é um passado sempre futuro e sempre disposto a ser o presente", como expõe Octávio Paz¹⁷. E junto a essa disposição, seu *status* sacralizado assume o papel de mudança e revolução para os "revolucionários da Sierra Maestra", propondo um futuro amparado num espaço e tempo específicos, anteriormente "pensado".

Essa "esfera lúdica", que reforça a sacralidade do mito, encontra-se intimamente ligada ao jogo, que, por sua vez, se conceitua como um fenômeno superior às necessidades fisiológicas, físicas ou psicológicas. O mesmo tem uma função muito significativa e peculiar, transcendental ao próprio homem, ou em outras palavras, todos os atos humanos respaldam-se no que Huizinga (*Op. citado*) convencionou como jogo.

Contudo, este último elemento ultrapassa até mesmo os limites racionais da própria existência, assim como seus atos ímpares. Nesse instante, é o jogo que conferirá um sentido a toda e qualquer ação humana, imediata ou não. Este se respalda intimamente na razão e moral psicológica e intelectual dos *reporteros*, criadores da "epopéia libertadora".

Diante dessa conceitualização da palavra "mito" nas sociedades primitivas, como também nas modernas, poderemos então, justificar que esse mesmo, o qual tentamos compreender, interferiu e pode interferir ainda mais nos valores de uma

¹⁷ PAZ, Octavio, apud FUENTES, op. citado, p. 20.

dada sociedade. Assim, faz-se necessário desmitificá-lo para, em seguida, usufruir de seus conceitos como forma de compreensão das identidades formadas a partir desta personagem, além da comunidade em questão. Vai incutir, também, um forte sentido ético e de justiça social naqueles que se sentirem motivados pelos atos desses mitos.

Em Martí isso vai, indissoluvelmente, unido à defesa das reivindicações das classes mais despossuídas, sobremaneira, para o fomento da plena independência nacional dos povos, e ainda, sua experiência de vida e seus escritos facilitaram o conhecimento direto da realidade americana com todos seus anseios mais íntimos.

Segundo Cornejo Polar:

O contexto em que se realiza [mudanças qualitativas e ideológicas] recorta as possibilidades do novo tipo de relação entre emissor, discurso e receptor e as projeta predominantemente no âmbito das consciências individuais e das ações privadas. Efetivamente, como dissemos, o desenvolvimento da 'opinião pública' requer certo grau de consciência social e uma capacidade de ação coletiva suficientemente livre e eficaz para produzir determinadas modificações na dinâmica do sociedade.¹⁸

Assim, quando se processam mudanças no quadro ideológico de um referido tempo, estas tendem a interferir na consciência das pessoas de forma definitiva e marcante, como é o caso dos ideais martianos tanto em seu tempo como nos reflexos ocasionados várias décadas depois. Ocorre então uma interferência imediata no ideário coletivo desse povo, uma vez que tais homens se inserem nesse ideário na qualidade de um exemplo a ser seguido (um mito), e este exemplo se personifica na pessoa de um *Apostol*. Em outras palavras, o ideário martiano será a matéria-prima de uma identidade em construção.

¹⁸ Cf. CORNEJO POLAR, Antônio. "Imediatismo e perenidade: a dupla audiência da literatura de fundação da república", In: Op. citado, p. 36 (Col. Humanitas).

1.3 - MARTÍ COMO ELEMENTO PRESENTE NO IDEÁRIO CUBANO

Após detalhada pesquisa, pudemos detectar, nos vários autores que escreveram sobre Martí, um constante sentimento de respeito em relação aos seus "ensinamentos", a ponto de incutir em seus escritos uma "sabedoria inquestionável" que circunda sua aura de *Apostol*.

Martí pratica um modelo de filosofar que, (...) como filosofia que assume a tarefa de contribuir com sua maneira à transformação real do mundo histórico. Martí é uma prática filosófica que, precisamos agora, se distingue por sua qualidade de reflexão interventora nos processos reais. Momentos dessa qualidade são, aliás, as dimensões éticas e morais do modelo martiano de filosofar, resumidas nessa densa e famosa frase: 'Pensar es servir'. (tradução livre)¹⁹.

Como o mito político é forjado a partir de atos, acrescentaremos um outro elemento à sua conformação: a narrativa de seu tempo e dos posteriores, logo, a figura do mito encontra-se extemporânea à produção humana, quiçá, seja em si, a própria conformação de uma produção humana num anseio libertador. Sendo, então, uma criação legitimada sob a égide da narrativa dos homens.

À luz dessas considerações, nossa personagem "sobreviveu" por tanto tempo calcada em dois pontos elementares: um primeiro foi a "monumentalização" de sua vida como história oficial de um povo, forças burocrático-administrativas e "ideais" instituíram-no como tal; e segundo, a sobrevivência de sua lenda sacra só se deu sobre uma criação legitimadora, também proveniente da narrativa que proporcionou memória e identidade à sua personagem, além é claro, de sua ação em campo de

¹⁹ FORNET-BETANCOURT, Raúl. "El pensamiento de José Martí". In: **Antologia do pensamento hispano-americano** (Versão eletrônica por José Luis Gómez-Martínez). Aachen – Alemanha, junho de 1998 (local e data de publicação). Internet (Online), citado dia 24/09/2000, localizado: <http://ensayo.rom.uga.edu/filosofos/cuba/marti/marti3.htm>.

batalha na guerra pela independência. Mas, só após a institucionalização de seus ideais no ideário popular de um grupo definido.

Os acontecimentos, citações e depoimentos não se limitaram apenas em narrar sobre seu tempo, mas, acima de tudo, legitimar sua luta. Assim, essas narrativas induziram um grupo de pessoas a afirmar José Martí, "cultuando" sua figura.

A figura do herói e do mito, como dita acima, muitas vezes influencia na criação de mentalidades e identidades culturais, dessa maneira:

O homem (...) encontra nos mitos os modelos exemplares de todos seus atos. Os mitos lhe asseguram que tudo o que ele (sic) faz ou pretende fazer, já foi feito no princípio dos tempos [e é eticamente viável] (...). Uma existência individual se torna, e se conserva, [em] uma existência plenamente humana (...). Ignorar ou esquecer o conteúdo dessa 'memória coletiva' constituída pela tradição equivale a uma regressão ao estado 'natural' (a condição acultural da criança), a um 'pecado' ou a um desastre.²⁰

A necessidade dos mitos é que reforçará a maneira de viver e de assemelhar dessas pessoas, seu exemplo poderá dizer o que se deve e o que não se deve fazer, além de incutir fortes sentidos de valor.

Ademais, nota-se, junto ao ideário do povo cubano, e até de outras partes da Iberoamérica, um forte apelo emocional e valorativo à figura do *Apostol* justificando seu "culto" e seu estigma de herói.

No ensaio *Evocación de Martí*²¹, Carlos Viales apresenta a vida do *Apostol* como a de um herói de batalha, digno de honras de Estado.

Segundo ele existe em:

(...) José Martí um amor ardente pelos débeis e oprimidos, e um entusiasmo fervoroso pelas ações heróicas. (...) [Submetidas] ao governo de duas qualidades tutelares: a moral e a disciplina. E esta

²⁰ ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 112.

²¹ Cf. VIDALES, Carlos. Estocolmo – Suécia, 1997 (local e data de publicação). Internet (Online), citado dia 16/08/2000, carregado: <http://usuarios.catar.com.br/hispanolit/evocacion.htm>.

sujeição de um talento brilhante e entusiasta à ordem de uma moral lúcida, sem dogmas, e de uma disciplina implacável, fariam da personalidade de Martí um dos fenômenos mais extraordinários na história de 'Nuestra América'. (tradução livre)

Nota-se em seu discurso um ardor tão profundo acerca de Martí, que este autor o capacita a assumir o cargo de herói da *Nuestra América*. De fato, o histórico de Martí incita nas pessoas emoções fortes, principalmente quando levados em consideração sua vida, seus atos e sua obra com forte apelo humano, sobremaneira, sua morte em campo de batalha.

Em outras passagens do mesmo ensaio, Vidales ao narrar a morte do Apóstolo, o faz com uma emoção bastante evidenciada, devido, talvez, ao elevado grau de adoração e realidade impetrado pelo ensaísta.

Vejamos:

Y ahora, en el acto sombrío de su entierro, podía verse cómo ese hombre bueno y generoso, muerto y tendido en un frío ataúd, se las arreglaba para volver a nacer y sembrar su rosa blanca en el corazón de su enemigo, el coronel Ximénez de Sandoval. (VIDALES, 1997)

Esta citação é a amostragem dos elementos mencionados acima, a respeito da supervalorização da pessoa de Martí e de seu exemplo para a Independência. É quando, junto a essa adoração, percebemos que a personagem José Martí foi e continua sendo importante para o ideário hispano-americano, sua presença é tão atual que podemos rememorar uma citação de Octávio Paz, levantada ainda neste capítulo: "*o mito se mostra numa categoria temporal muito especial, é um passado sempre futuro e sempre disposto a ser o presente*". Assim, a necessidade de um instrumento legitimador da identidade, torna-se afirmação nos componentes dessa "cultuação", ou seja, necessita-se do mito como arma de auto-afirmação identitária, pois este "é a semente de liberdade e justiça para o nosso continente".

Mesmo para os inimigos de Martí (Espanha, na figura do Cel. Ximénez de Sandoval e os outros militares que também lutaram na Guerra de Independência), sua morte significava a consumação de um anseio, ou, em outras palavras, a legitimação da vitória espanhola.

Tal situação apresentou-se na luta pela Independência, entretanto, a mesma estrutura de valores que conformaram o ato, ainda hoje, fazem-se presentes na memória e no ideário representativo desse povo, pois, "sua *Rosa Branca*²² foi semeada no coração do Cel. Ximenez de Sandoval", instigando toda América a lutar por seus anseios e a derrotar o inimigo comum (o colonizador).

²² Nome de um poema de José Martí, do livro *Versos sencillos*, de 1891.

Capítulo 2

1 – UMA UTOPIA NUESTRAMERICANA

(...) temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade. Viver – assim se chama para nós, transmutar constantemente tudo o que nós somos em luz e chama; e também tudo o que nos atinge; não podemos fazer de outro modo. ("Prefácio da segunda edição", In: **A Gaia Ciência**, § 3, 1999.)

Friedrich Nietzsche

A utopia como arte de cultivar sonhos parte da necessidade do homem de libertação interior, no qual seus pressupostos valorativos interferirão no processo que ora ele se propõe a empreender, o que nos faz remeter à "culturalização" que advém do novo. É o aceite dele que deixa o homem com predisposição para redefinir sua vida de acordo com aquilo que busca, ou seja, é quando ocorre a emancipação do indivíduo.

As paixões humanas, reforçadas pelo indivíduo, junto a um grupo social que se constitui como comunidade, podem levar à quebra de poderes "já instituídos". Assim nos remetemos ao novo que advém junto à vontade de transformação.

Para que possamos ilustrar um pouco mais a posituação da palavra utopia nos escritos de Martí, usaremos de um conceito abordado por Fierro:

Se produce un desplazamiento en el interior mismo del género utópico; (...) en la cual se considera a la utopía ya no como un género literario sino como una condición vital del ser humano. Así, vivir implica el permanente movimiento entre los ideales, los sueños, las expectativas, los propósitos y la fuerza que nace de ellos y los quiere llevar a su realización. La utopía en forma de promesa para un grupo se traduce en objetivos históricos y políticos; en este sentido, las utopías no sólo

son necesarias para complementar la realidad social sino para transformala.¹

Sob a perspectiva da posituação da utopia, como arma impulsionadora do processo revolucionário, tentaremos traçar e estruturar o conceito de "utopia fantástica" apregoado pelo poeta para a realidade da América, que ele sonhava como nação.

A citação acima faz referência ao *Maestro* Simón Rodríguez, tutor da formação de Simón Bolívar, também um dos positivadores da utopia fantástica da libertação do homem americano, notamos ainda, a presença deste último como fonte de forte influência nos escritos de José Martí, por isso, a necessidade de usá-lo como fundante da utopia martiana.

Percebemos que o novo, junto à posituação da utopia, só pode ser compartilhado por uma comunidade, quando ela se encontra impregnada por paixões humanas e desejosa de transformações. É quando o progresso humanizante, advindo da utopia, traça no indivíduo um rumo para sua emancipação.

Eis, então, o quanto se mostra importante a luta por esse novo que advém de forma coesa, isso, juntamente com as paixões humanas postas em evidência.

Os papéis sociais que competem a cada indivíduo em sociedade, e que, naturalmente, seguimos, quando fracionados (leia-se revolucionados), libertam-nos de posturas outrora arraigadas a nosso ser, direcionando-nos, à quebra do status de submissão permanente. Uma via democrática, verdadeiramente realizada, é o que nos deixa a certeza de esmigalhar papéis sociais já instituídos.

São as paixões humanas que movem o inconsciente coletivo dos homens, mostrando-lhes a necessidade constante dessas inclinações apaixonadas, junto à

¹ Ver FIERRO. *Simón Rodríguez y su utopía para a América*. México (DF): UNAM. 1994. p. 5 (Assim tentei estruturar o esboço de uma utopia fantástica, empregado por Martí, para a estruturação da realidade americana que ele sonhava como nação).

desordem e ao caos, evitando a queda na falibilidade da existência humana, ou mesmo impedindo o entregar-se a barbarie.

À luz dessas considerações:

(..) a crença de que as paixões representam a desordem e são incompatíveis com a atividade produtiva teve como consequência o recalque das emoções, o que resulta na diminuição do potencial humano. Na verdade, as paixões, liberadas, não redundam na desordem, mas num sistema complexo e harmônico de relações que projetam energia criadora. Não há por que opor o trabalho ao lazer: trata-se de fazer com que os dois se complementam ou se confundem, de modo que o trabalho inclua a emoção criadora, numa harmonia superior."²

Apenas aquele desejo de ser feliz e, junto com isso, tornar a vida mais bela e digna é que incitará o advento do novo; o mesmo que vem junto com a revolução, e que, incansavelmente, foi referendado por Jose Martí.

→ A vontade de mudança expressa na paixão humana em realizar algo, é o que poderá subjugar o "já instituído" de forma concisa. Sobremaneira, as paixões são ao mesmo tempo libertárias e aprisionantes, por isso, essa criação humana deve ser empregada levando em consideração sua energia criadora e sua ardorosa vontade de mudança, só assim o potencial humano poderá ser absorvido em sua plenitude.

O respeito pleno do outro, no ato de convivência, torna-se nesse momento o eixo pelo qual se constrói toda a calorosa aplicabilidade dessas paixões. O amor mostra-se armado no decoro do homem junto ao seu semelhante "(..) e a *vinil frieza de quem não se tem por varão, enquanto exista na terra uma criatura excluída e humilhada* (..)" (tradução livre)³, apenas incita-as (as paixões) junto aos seres humanos, como meio de transformação de um determinado contexto – as mesmas

² Ver ABRÃO, Bernadete Siqueira. "A necessidade das paixões", In: **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, pp. 392-3 (Coleção Os Pensadores).

³ Cf. MARTÍ, José. **Los pobres de la tierra**. In: <http://ensayo.rom.uga.edu/antologia/M.htm> (Online), retirado da Internet no dia 30 set. 1999.

paixões que se encontram coladas nos valores referentes à identidade de um certo povo.

Uma vontade própria empreendida por valores novos e ousados, e voltada para o coletivo, pode ser caracterizada como o instante primeiro da busca das paixões, tentando direcioná-las a um certo grupo social-constituído, buscando um aprimoramento novo junto a essa comunidade em que se vive.

*"As manifestações culturais de um período nada mais são do que uma constelação de signos da realidade que as compõe. A obra de arte integra essa constelação (...) "*⁴, e esses signos se encontram bastante ligados com as representações dos seus povos junto aos seus valores, que, de larga data, vêm se reproduzindo em nosso meio.

Ao se falar em utopia, num primeiro instante, pode parecer algo irrealizável e sonhador, como há muito tempo tem se reproduzido em nosso meio social.

Todavia vale ressaltar que as várias significações empregadas para o termo utopia devem estar em constante reflexão, então, ao nos referirmos a essa palavra tão distante e fantástica, é necessário termos como eixo, a forma como ela foi empregada e qual o intuito para o referido emprego.

O conceito de utopia, ao ser explorado, remete a realidades distintas, cada qual com seu contexto peculiar. E são essas realidades que vão possibilitar a viabilidade ou não deste "sonho" utópico junto ao todo social. Perante tantas "utopias", podemos citar as utopias literárias, filosóficas e políticas, além de algumas com possibilidades práticas. É justamente esta última o estímulo para lutar por algo que, para muitos contemporâneos do poeta José Martí, parecia imutável. Já em outras situações, realidades utópicas existem, contudo, a viabilidade de concretização de um fato

⁴ Cf. TEIXEIRA, Ivan. "New historicism", In: *Cult: revista brasileira de cultura*, São Paulo, n.º 17, ano II, p. 33, dezembro de 1998.

torna-se preterida, pois, a utopia, para tornar-se situação prática de uma dada realidade, precisa ser pensada e estruturada junto às paixões humanas de libertação, talvez fosse neste ponto que a racionalidade entraria como força motriz.

A intenção utópica é a expressão máxima do princípio de esperança que poderá vir à tona no formato de fato concreto, o que constituiria uma valorização positiva dessa dimensão utópica, sobretudo em cima do juízo negativo posto sobre esta.

A utopia, descrita pela visão martiana, fundamentava-se em um viés diferenciado, existia uma positivação de seu significado, respaldando a beligerante afirmação de conquista e vitória, isto é, ela assumia o papel de arma de batalha que fundamenta sonhos e transforma-os em realidade.

Ademais, focalizamos no apóstolo sua ansiedade confusa, mas, ao mesmo tempo, aguerrida, perante o desnudamento dessa amargura moderna, que emerge diante de seus olhos. Tamanhas inquietações que seu espírito confuso e consternado se predispôs a delatar em cartas, versos e ensaios.

Um homem cujas idéias circunscreveram uma aversão ao colonialismo, num período em que a América ainda tinha como representantes desta dominação Cuba e Porto Rico (últimos redutos da "onipotente" Espanha), nações que se encontravam voltadas à exploração européia, senão *yankee*, e ao servilismo neo-colonial. Período conturbado por várias crises internas (colônia) e externas (metrópole), responsáveis pela franca exclusão dos homens hispano-americanos.

O sangue que corria por essas terras provinha do indivíduo que, junto ao seu próprio solo, "marginalizara-se" pelo jugo espanhol e estadunidense, e foi esse

mesmo homem hispano-americano que acabou se tornando o ponto de partida para o discurso libertário do *Apostol*, ainda um menino⁵.

Quem é esse homem que, antes de completar dezoito anos e tendo já padecido a prisão política, (...) que deixou milhares de páginas escritas, no melhor idioma espanhol, fazendo previsões no campo da política, da educação e das artes e que hoje é citado pelos estadistas, pelos mestres, pelos escritores e pelos homens simples, e é reverenciado por todos?⁶

O poeta, em seu tempo, foi capaz de captar o sofrimento desse homem hispano-americano de forma bastante apaixonada. Viabilizando a forma como seu espírito tentou concretizar em Verbo, algumas alternativas viáveis, respaldadas na utopia fantástica de uma vida em luta.

Assim, a utopia do amor (matéria-prima do Apóstolo) só poderá se concretizar na ditadura⁷, que, tendo como protagonista a solidariedade do homem com seus iguais, tomará a América com afinco e a transformará em um continente dirigido pelo homem do amor solidário, que, segundo Martí, era o homem natural.

Esse é o homem que o Apóstolo quis moldar, o ser *nuestramericano*, aquele indivíduo condutor de seu país e amparado na compreensão de sua terra como causalidade do amor, com suas causas e seus princípios próprios (eis o que significa dizer causalidade do amor). A mesma terra onde as "raças" tornar-se-ão indivíduo histórico e cultural, pois "*A alma emana, igual e eterna, dos corpos distintos em*

⁵ Aos 16 anos de idade, José Martí escreve o manifesto: *El presidio político* (escrito em 1869 e publicado em 1871 na Espanha), considerado o primeiro escrito do jovem Martí com influências anticolonialistas. Neste período a Coroa Espanhola o manteve preso no presidio de São Lázaro localizado na Ilha de Pinos, por "infidelidade à grande nação espanhola".

⁶ Ver RETAMAR, Roberto Fernández. "Introdução a José Martí", In: PEIXOTO (org.) *José Martí: nossa América*. São Paulo: HUCITEC, 1991. p. 13-4. 2 cd..

⁷ A ditadura que José Martí pregava tinha uma conotação diferenciada da usada por tantos outros escritores que resolveram pensá-la, sua ditadura se instrumentalizava no amor do marginalizado; sentimento estrutural da realidade que se buscava vindoura.

forma e cor. E peca contra a Humanidade aquele que fomenta e propague a oposição e o ódio das raças." (tradução livre)⁸.

Em uma sociedade mergulhada no ódio não pode existir amor. Bem como, não há possibilidade de se criar a **Nuestra América** tal como a América, sua contemporânea, se mostrava.

A utopia martiana molda-se em bases bastante reais e concretas, referência crucial que diferencia o poeta de seus contemporâneos, também urdidores de uma identidade⁹. Já o que faz da utopia de Martí uma realidade mais próxima é o método empreendido por ele para denominar seu projeto cultural (veremos mais a respeito desse método em outro instante desta monografia).

Sua utopia é sustentada pelo discurso nuestramericano e instrumentalizado em fontes realísticas, propondo uma América distinta e possível, peculiar a esse povo. A essência do pensamento martiano fundamenta-se na diagnosticção de um série de problemas, recorrentes da realidade americana de então (tais como exploração, ódio e desprezo, por parte dos conquistadores).

E é este projeto fantástico (a **Nuestra América**) o instrumento legitimador da utopia martiana, segundo ele, a "raça" nuestramericana torna-se sujeito histórico de sua existência a partir do momento em que se reconhece como tal, e, com isso, sua legitimação afirma-se e recrudesce.

À luz dessas considerações a vida de Martí se prestou à uma lição de eterno cobrar, findando aquilo que poderia ser denominado como escravidão cultural de uma realidade já instituída historicamente. Seguindo o pensamento de Martí seria a utopia "positiva", o instrumento que renova as esperanças e as alimenta,

⁸ MARTÍ, José. **Nuestra América**. In: <http://www.lehigh.edu/~jcf2/marti.html>, (Online), © 1891, § 12.

⁹ Dentre outros pensadores desse projeto de identidade, podemos citar na América Latina como um todo, Euclides da Cunha e Nina Romero no Brasil e Domingo Faustino Sarmiento na Argentina, com o propósito de moldar a identidade latino-americana voltada para a bipolaridade das raças, citada em nota anterior.

transformando-se na ferramenta de libertação dessa escravidão cultural espanhola, isto é, ela que instrumentalizaria a emancipação humana e a revigoraria, propondo alternativas de mudança. Seriam essas alternativas de mudança o brado forte de Martí.

2 – A VIABILIDADE DA UTOPIA NUESTRAMERICANA

Ao voltar-se para a realidade, o poeta abre um ponto de crítica sobre o ser natural (nuestramericano), uma vez que ele sabe que o homem, em seu estado mais puro, está direcionado ao amor, o mesmo amor que o incitaria à luta.

Remetendo seu ser social ao *habitat* natural, Martí traz à tona as superações de adversidade postas pelos seus contemporâneos hispânicos, o sujeito martiano seria uma espécie de síntese histórica e cultural.

Após se auto-nomear representante dessa massa sofrida, José Martí recebe o predico de *Apostol de Nuestra América*, tentando levar/dar a palavra a todos aqueles que, proibidos de gritar, continuavam mudos e tomados pelo silêncio dos grilhões da dominação. Amarras que os coíbiam de crescer, que os impediam de florir e que, de uma maneira ou de outra, se auto marginalizavam no período colonial, visto que, era evidente a situação de dominação e servilismo que estruturava essa sociedade.

Esse sujeito da síntese cultural hispano-americana apresentado por Martí em sua **Nuestra América** (a América nova, peculiar e composta por *hombres naturales*, sujeitos de seu espaço e tempo), finalmente teria voz para poder gritar e mostrar para todo mundo que aquele espaço ora ocupado, em outro tempo, fora recanto de um povo nuestramericano, seu povo.

O grito que mudo havia se instaurado, após a colonização, acabara por inverter a ordem das relações humanas e naturais, entretanto, o silêncio findaria quando restaurasse o advento da aurora desse povo, e a hora em que ele finalmente fosse ouvido. Uma multidão verdadeiramente viva e visualizada pela primeira vez nas palavras do apóstolo junto às frases da **Nuestra América**.

Martí lamenta a "página da história que fora roubada pelos conquistadores", aquele povo nativo teria constituído uma grande civilização, se não o tivessem destronado tão bruscamente (para isso, peguemos como exemplo os Astecas, os Maias e os Incas), todavia, sua autonomia foi usurpada.

Martí via nesse *hombre natural* a figura necessária para o concretizar dessa civilização proibida de crescer, e, na **Nuestra América**, o apelo primeiro dessa civilização nativa. E essa *majestuosa obra americana* poderia voltar à tona surgindo novamente, a partir do momento em que os homens a tenham como fruto de uma "luta de raças"¹⁰ e de uma conquista humana e justa.

A aristocracia *criolla*, que imperava no poder não poderia jamais fazer parte do ser *nuestramericano*, uma vez que foram contaminados pela modernização eurocêntrica, tanto é verdade que consideravam como atraso para tal sociedade gentios daquela espécie, eram apenas entraves para a propalada modernidade que encobria os céus hispano-americanos¹¹. A barbárie ainda povoava aqueles *rincones* e, por esse motivo, fazia-se necessário extirpar essa raça suja, de gente bárbara e inferior.

Nesse contexto, tão selvagememente preconceituoso, escreveu José Martí, o apóstolo libertador dos oprimidos da **Nuestra América**.

Segundo o Apóstolo:

Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. Los que enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la misma tierra, o el de casa chica, que le tiene envidia al de casa mejor, han de encajar, de modo que seam una, las dos manos. Los que, al amparo de una tradición

¹⁰ Quando Martí emprega o termo raça, ele vê ali a constituição de uma comunidade natural. O homem natural, assim, seria um homem, acima de tudo, mestiço e como tal, superior, distinto e universal (Ver CARVALHO, em seu artigo: **Os sujeitos do projeto utópico da "Nuestra América" de José Martí**, In: <http://www.fchf.ufg.br/historia/mestrado-historia/link331.html>, Online).

¹¹ Ver SARMIENTO. **Conflicto y armonia de las razas en América** (Conclusiones). México (DF): UNAM, 1978.

criminal, cercenaron, con el sable tinto de sangre de sus mismas venas, la tierra del hermano vencido, del hermano castigado más allá de sus culpas, si no quieren que les llame el pueblo ladrones, devuélvanle sus tierras al hermano.¹²

Uma formação européia que possibilitou a Martí desprezar ardorosamente seus patricios e buscar um pensamento novo e libertário, baseado no espírito da ética cristã e em aspirações próprias. Em contraposição a outras duas correntes que rondavam Cuba naquele período, a liberal cubana que justificava a escravidão e a dominação colonial reformada, e o típico humanismo abstrato burguês, com boas intenções, mas impregnado de preconceitos eurocêntricos¹³.

A mesma *intelligentsia* que criticava os gentios fora formada também nos centros acadêmicos do Velho Mundo e, portanto, o poeta não se livrou por completo desse estigma, foi sua longa convivência com a América Central que interferiu em sua formação e o fez criar essa utopia "fantástica". Uma mudança de pensamento que só foi possível depois de longos anos de andança, observando ainda, o quanto seus "irmãos" estavam sendo explorados. Esta transformação de mentalidade pode ser fisicamente percebida em meados de 1879, quando Martí escrevia seus textos sob o pseudônimo de Orestes (Mitologia Grega), modificando-o para Anahuac (deus da água e do fogo, dentro da Mitologia Maia). Um pequeno instante, irrelevante até, entretanto, que leva Martí à transformação de seu pensamento e, por conseguinte, à transformação de identidade, tornando-se um ser, também, *nuestramericano*.

Os sujeitos convocados por Martí, para evocar esse *espíritu nuevo americano*, são determinados pela marginalização daqueles (aristocracia *criolla*) que atribuem a esses "marginais" a incapacidade de exercer o controle social, por isso, o *hombre natural* não pertence a uma só etnia, mas a todo um contexto social muito bem

¹² MARTÍ. Op. citado, § 2.

¹³ Cf. RODRIGUEZ, Pedro Pablo. *Identidad y unidad latinoamericana en José Martí*. La Havana: Centro de Estudios Martianos, dez. 1994, p. 9-11, 58p (mimeo).

sistematizado. E esse *hombre natural* é a personagem principal da *Nuestra América* do poeta.

Como toda personagem tem um figurino, o figurino desse ser *nuestramericano* é formado por um conjunto de valores, responsável pela autotransformação das nações *nuestramericanas*, constituindo-se no requisito primeiro desse ser novo. Contrapondo-se a isso, o espírito provincial e individualista não teria o arquétipo ideal do ser, que adquire a consciência de homem hispano-americano.

Deve haver uma doação dos indivíduos envolvidos no projeto *nuestramericano*, pois, sua estrutura fundamentava-se no amor, sendo assim, na solidariedade entre os explorados.

Também não se adapta ao espírito *nuestramericano* o sentimento de inferioridade, pois ele toma o mestiço como adequação do pensamento eurocêntrico, somente visto pelo olhar ocidental é que se inferiorizam os seres, e já o projeto apregoado por Martí vai na contramão do pensamento europeu, pois, apesar de sua formação, ele tenta ser o mais *americanista* possível, adotando o suposto subcontinente¹⁴ americano como bandeira de luta e também como identidade a ser construída.

Tomando o mestiço como inferior, a aristocracia *criolla* molda o americano a seus planos, podendo perpetuar-se na administração da América. Alicerçando uma base que se fundamenta no ódio e na inferioridade, transformando pessoas em objetos de dominação. Contrapondo-se a este pensamento, Martí considera aquele homem que cumpre a risca os preceitos de todo seu orgulho honroso o possuidor verdadeiro dessa "nova terra", essa honra se concretiza como um dever de todo filho

¹⁴ Quando se fala em subcontinente, estou usando o conceito que reinava neste período histórico. o "continente" latino-americano era tido como um subcontinente, em se relacionando com a Europa, uma visão eurocêntrica do pensador que via na América o lugar da barbárie.

da América, vislumbrando para nós o protótipo ideal do *hombre natural*, defendendo sua terra de todos os males, impondo e mostrando o seu amor pela sua essência, que é a própria terra.

¡Estos nacidos en América, que se avergüenzan, porque llevan delantal indio, de la madre que los crió, y reniegan, ¡bribones!, de la madre enferma, y la dejan sola en el lecho de las enfermedades! (...) ¿el que se queda con la madre, a curarle la enfermedad, o el que la pone a trabajar donde no la vean, y vive de su sustento en las tierras podridas con el gusano de corbata, maldiciendo del seno que lo cargó, paseando el letrero de traidor en la espalda de la casaca de papel?¹⁵

Nessa mesma América, que sonha com seu projeto utópico, tenta-se a implantação de um novo método de educação, por acreditar que a educação indígena poderia trazer esse povo à vida¹⁶. Se continuasse como estava, seria eternamente submisso ao seu senhor, e onde há servo e senhor não existe uma nação *nuestramericana*. **Nuestra América** só existiria se toda ela estivesse desperta e arraigada em sua essência, em sua terra.

O caos americano predominante na colônia era consequência do eurocentrismo, só podendo ser extirpado quando o homem natural se visse como ser puro e legítimo, ou ainda, como ser *nuestramericano*. Sem comparações eurocêntricas, esse homem natural poderia soltar-se das amarras de sua inferioridade e decadência, tomando-se, assim, o homem moderno que conduziria a nação *nuestramericana*.

A vida do homem hispano-americano, até a chegada da **Nuestra América** martiana, permanecia encoberta e mutilada pelas lembranças da conquista,

¹⁵ MARTÍ. *Ibidem*. § 3.

¹⁶ Para Martí, a população indígena precisava ser acordada, pois ele supunha que os indígenas só se portavam servís por elas estarem dormentes, e a partir do momento que houvesse uma educação dessa população, a mesma acordaria, aí então eles também seriam incluídos no projeto *nuestramericano* de Martí, podendo lutar por seus direitos. Essa falta de harmonia poderia causar um grande dano ao projeto martiano, sendo necessário despertá-los para poderem harmonizar-se com o restante dos homens naturais: “*todo despierta al amanecer, y el indio duerme*”.

amargurando-o e sufocando-o. Essa era a outra face da modernidade europeia, que muitos escondiam atrás de projetos preconceituosos e impregnados de ódio.

Esse "descobrimento" feito pelos espanhóis era o único culpado do fato, vendo nos nativos um objeto que precisava submeter-se ao sangrento sistema deles e adequar-se, neste sentido, ele sobreviveria, caso contrário, tornar-se-ia massa amorfa, o que, na verdade, acabou acontecendo.

Ao empregar o termo *raça*, como dito anteriormente, Martí faz no sentido de criar uma comunidade cultural própria, isto é, criando o gérmen da América livre e o gérmen da **Nuestra América**.

Novamente podemos perceber a inversão de conceitos, enquanto seus contemporâneos viam na mestiçagem uma degenerescência da "raça" hispano-americana, ele se dirigia pelo inverso, um dos grandes fatores que marcaram toda sua obra em vida.

Nessa perspectiva, deduz-se que as definições do projeto de liberdade utópico de Martí pautaram-se na grande missão histórica desse homem natural: tornar sua pátria uma nação autóctone e sem perder seu rosto mestiço, implantar a ditadura do amor. Porque um povo não é independente enquanto não vir sacudidas as cadeias de seus senhores, alçando conceitos de vida radicalmente opostos, arrancando os vícios e o servilismo¹⁷. Podendo então dissipar a debilidade moral de sujeitos que conduzem uma "nação" sob o sabre banhado de sangue, uma espada que dissemina ódio (como era o caso do conquistador).

Segundo Martí, essa civilização nova poderia viver sob as lisonjas do amor e da solidariedade, tudo justaposto à *Natureza*, a Mãe desses seres de espírito novo. O homem hispano-americano se orgulharia do conjunto de valores que outrora lhe

¹⁷ Ver CARVALHO. Op. citado.

fora negado, e que de longa data, vem sendo subordinado aos valores da Metrópole, o mesmo Outro que domina e, assim, o coíbe de crescer.

Pensar es servir. Ni ha de suponerse, por antipatía de aldea, una maldad ingénita y fatal al pueblo rubio del continente, porque no habla nuestro idioma, ni ve la casa como nosotros la vemos, ni se nos parece en sus facras políticas, que son diferentes de las nuestras; ni tiene mucho a los hombres biliosos y trigueños, ni mira caritativo, desde su eminencia aún mal segura, a los que, con menos favor de la Historia, suben a tramos heroicos la vía de las repúblicas; ni se han de esconder los datos patentes del problema que puede resolverse, para la paz de los siglos, con el estudio oportuno y la unión tácita y urgente del alma continental. ¡Porque ya sueña el himno unánime; la generación actual lleva a cuestas, por el camino abonado por los padres sublimes, la América trabajadora; del Bravo a Magallanes, sentado en el lomo del cóndor, regó el Gran Semí, por las naciones románticas del continente y por las islas dolorosas del mar, la semilla de la América nueva!¹⁸

A América nova que seria implantada, na qualidade de objeto de conduta, na ditadura do amor, é a mesma que fará o homem pensá-la, para, com isso, servir a essa Mãe terna de forma, também, ardorosa, bem como cuidar dela como a uma pedra rara, pois, Ela se mostra, para Martí e para o homem americano, como a Mãe natural, e assim, passível de todo o respeito.

E essa paixão, banhada em sangue de revolução, se fundamentaria na saga de uma utopia de amor, como caminho a trilhar para a inalienável libertação humano-americana; como veremos logo a seguir.

2.1 - VERSOS EM SANGUE, A SAGA DE UMA UTOPIA DE AMOR

O poema *El rayo surca sangriento* do livro **Versos Sencillos**, escrito em 1878, pode ilustrar a concepção martiana de liberdade e os meios responsáveis pela sua concretude.

¹⁸ MARTÍ. Op. citado § 12.

Rojo, como en el desierto.
Salió el sol al horizonte:
Y alumbro a un esclavo muerto,
Colgado a un seibo del monte.

Un niño lo vio: temblo
De pasión por los que gimen:
¡Y, al pie del muerto, juró
Lavar con su vida el crimen!¹⁹ (4-5;13-20)

Notamos no discurso de Martí um apelo muito grande à paixão, como sentimento belo e doce, brotada do fundo da alma humana, podendo, também, vir acompanhada de algo muito mais amargo e quente, como é o caso do sangue.

Por que não, uma substância como o sangue, purificadora e viva, não poderia ser usada junto à paixão, para que adentre às portas do homem hispano-americano do século passado o crepitar da utopia fantástica de Martí? A mesma utopia que, levada aos ouvidos humanos, incitaria a luta por melhores horizontes, a luta do menino que vinga o escravo morto. Vestido pela orbe da paixão que lhe foi alimentada por palavras utópicas, como a utopia da América nova, uma nação de amor onde o *hombre natural* poderia usufruir de sua liberdade em âmbito muito mais amplo e verdadeiro.

Nesse sentido, somente utopias fantásticas como por exemplo, a **Nuestra América**, incitariam o homem a buscar divisas que ultrapassariam seu miserável mundo. E essa utopia de nunca parar de sonhar é o sonho que vai alimentar o trajeto da libertação, muito bem expresso no projeto nuestramericano.

O sangue que jorra da pena do poeta, mostrou-se coagulado por séculos de colonização, afogando um povo no gosto amargo das barbaridades cometidas no decurso de tão miserável vida, transformando os homens em objeto de manipulação

¹⁹ In: **Versos Sencillos** (1878). Também podemos encontrá-la na Internet, carregada no sítio <http://www.exilio.com/Marti/Marti.html>.

e serventia, uma massa conformada na amorfa opacidade americana, durante séculos a fio.

O mesmo povo que se viu entregue a uma conquista mutilante faria da América um continente, tornando-o, assim, único e forte. Tendo em vista que, um sofrimento, por mais longo que seja, nunca se eterniza, pois, em momento crucial, surge a revolta.

A transformação estaria no dia-a-dia de produção humana, não poderia parar (talvez seja por isso que o sofrimento, avassaladoramente em evidência, um dia se findaria, mas, para isso, a metamorfose devesse tomar corpo, mente e coração nativo).

Não há liberdade onde existem amos, nem prosperidade onde tal "casualidade" dispõe da sorte social (como apregoava autores como Sarmiento). Para Martí, tinha chegado o momento de pensar na união e na lógica, em organizar e em instruir. Na sociedade e na educação, não deve haver ociosidade e ignorância²⁰.

Tudo aquilo que aborrece a liberdade, aborrece o homem no que ele tem de mais natural. O espírito guerreiro que emana de seu ser, na qualidade de sentimento utópico do amor, é uma necessidade libertadora, plena e natural.

Os direitos humanos igualam-se, quando todos rogam por interesses homogêneos e, ao gritar pela liberdade, a buscam em âmbito global. Uma vez que, os amantes da liberdade a querem para os outros, isso vai implicar algo muito mais profundo e honesto, significa que eles estão voltados para o coletivo.

O clamor de liberdade, levantado por Martí, estava voltado para toda a América Latina²¹, uma vida de doação e amor... um amor banhado em sangue.

²⁰ Ver RODRÍGUEZ, "Luces y Virtudes Sociales", ed. de 1840 no **Libro homenaje a la memoria de Don Simón Rodríguez**. Caracas: Ediciones de Congreso de la República, 1973, p. 7.

²¹ Confira, MARTÍ, **Nuestra América**. § 12: "*¡Porque ya sueña el himno unánime (...), la América trabajadora: del [Rio] Bravo a [Estreito de] Magallanes, sentado en el lomo del condor, regó el Gran*

Lutando em campo de batalha pela independência cubana, em 19 de maio de 1895, morre um homem e nasce um mito: passagem que ilustra o amor como saga sangrenta de uma busca eterna.

E na procura do amor utópico-realizável, morre em sangue de batalha, mas o amor como exemplo de vida se eterniza, como muito bem é expresso nos versos que se seguem;

Yo quiero salir del mundo
por la puerta natural:
en un carro de hojas verdes
a morir me han de llevar.

¡No me pongan en lo oscuro
a morir como un traidor:
yo soy bueno y como bueno,
moriré de cara al sol!²² (1-2:1-8)

A trama do amor que ele escreveu com seu próprio sangue resultaria na independência colonial. Esse seu amor pela terra natal o fez tombar em campo de batalha, também natural, o poeta, em momento extremo, volta à sua origem para lutar pelo que é seu, arrancando das garras espanholas aqueles "rincões".

A diferenciação percebida na palavra utopia usada por Martí, em comparação a um sonho irrealizável, é que, quando se elabora um projeto voltado para a razão (homens naturais como detentores de seu próprio tempo histórico), este sai do patamar de opinião. Caso essa opinião pareça bem declarada (quando ouvida e entendida por todos), justifica o projeto, assim, sai do patamar de sonho e se esse sonho se vislumbra como algo imaginável e passível de desenvolvimento (América nova, com homens novos) pode transformar-se em fato, desde que, respaldado na

Semí, por las naciones románticas del continente y por las islas dolorosas del mar, la semilla de la América nueva."

²² Ver MARTÍ, "Yo quiero salir del mundo". In: **Versos Sencillos** (1878), também encontrada na Internet, carregada no sítio: <http://www.exilio.com/Marti/Marti.html>.

razão²³ (mais adiante demonstraremos os passos da filosofia martiana, assim, a visualização de seu projeto se mostrara mais limpida).

A utopia fantástica de Martí não surgiu do capricho de sua imaginação subjetiva e sonhadora, senão do conhecimento de sua realidade como fato presente e vivido, e a mesma realidade que o eternizou com as palavras da **Nuestra América** tentou fazer chegar aos ouvidos de toda a comunidade nativa latino-americana, a qual se vislumbrou na qualidade de representante, no seu ensaio-manifesto.

José Martí faz do binômio razão/utopia um duplo conceitual que não se separa, equipando em seus escritos uma utopia que é adequada ao caráter eticamente aceito em sociedade e, embasado no sentido de projeto social, tenta conformar um plano que permita abrir caminho para as mudanças históricas que tão intensamente almejava.

Considerando que as realizações baseiam-se em conceitos forjados na consciência dos seres e só se põe em prática aquilo que primeiramente prescreve como possibilidades, logo, os instrumentos racionais da vida social, tais como lutas diárias, discursos inflamados e opressão excessiva, terão uma base bastante forte dentro do próprio social, moldando situações e delimitando anseios.

Aquilo que convém, segundo a natureza, estrutura-se na racionalidade empregada para trabalhar essa natureza de forma sustentável e autônoma. O ser que se prescreve como *hombre natural* pode e sabe fazer isso muito bem, porque ele a conhece tão bem quanto sua própria vida, e ao tê-la como Mãe também a tem como instância maior de liberdade, podendo usar de tal liberdade, para buscar uma realidade pensada pela utopia racional.

A liberdade dos indivíduos parte em primeiro plano de seu direito à educação. Quando se investe na formação cognoscente destes homens, visualiza-se os

²³ Ver FIERRO. Op. citado. p. 59.

benefícios que sua pessoa, no pleno exercício de sua liberdade, possa realizar no futuro, é o ser que Martí representa em sua utopia fantástica²⁴, para tanto, essa utopia, ao basear-se em prognósticos reais, adquire o patamar de realidade a ser buscada.

Se abren campañas por la libertad política; debieran abrirse con mayor vigor por la libertad espiritual; por la acomodación del hombre a la tierra en que ha de vivir.²⁵

Tendo como parâmetro o fragmento citado acima, algo nos leva a crer que, ao trabalhar a revolução em sua conjuntura de plena liberdade (para que se alcance tal liberdade, o homem natural deve estar direcionando sua vida para o contexto de sua formação), Martí demonstra sua "racionalidade utópica", portanto, ele estaria trabalhando com homens reais, racionais e emocionais (os *sumergidos* da América).

Dentro desse conjunto de valores, pode ser encontrado o homem natural que se busca atingir com tais palavras, fortalecendo a frente de batalha em que o próprio homem natural trabalharia seu potencial, não olvidando sua liberdade, outrora moldada na educação espiritual e racional, concretizando seu papel de agente-revolucionário.

A "raça" *nuestramericana* apregoada pelo poeta funde-se em negros, ameríndios e camponeses pobres, e é essa "raça" em constante fusão que tomaria todos os *rincones* da América para a consolidação da batalha libertária, segundo Martí. Os descendentes dessa raça poderiam usufruir das benesses conseguidas no decurso da própria revolução, dessa forma, a terra, banhada em sangue, fundiria o homem americano em um só, e dessa fusão surgiria o *locus* de amor que estes

²⁴ Ao abordar o homem natural, Martí parte do pressuposto que esse homem precisa acordar de seu ser para que possa exercer o pleno exercício da liberdade, a mesma que levará até o crepitar da revolução (cf. *Nuestra América*, anexo à nossa obra no final do trabalho).

²⁵ MARTÍ. *Mente Latina*. In: <http://ensayo.rom.uga.edu/antologia/M.htm>.

descendentes poderiam utilizar como bem próprio e comum, em nome da América livre e humana, desde que, respeitada a autonomia da Mãe-Natureza, que, para Martí, é a Mãe de toda aquela gente.

Estos son mis versos. Son como son. A nadie los pedi prestados.(..) Tajos son éstos de mis propias entrañas – mis guerreros. – Ninguno me há salido recalentado, artificioso, recompuesto, de la mente: sino como las lágrimas salem de los ojos y la sangre sale a borbotones de la herida. No zurci de éste y aquél, sino saje en mí mismo. Van escritos, no en tinta de academia, sino en mi propia sangre. Lo que aquí doy a ver lo mismo antes (...), y he visto mucho más, que huyó sin darme tiempo a que copiara sus rasgos. (...) De la copia yo soy el responsable. Hallé quebrados los vestidos, y otros no y usé de estos colores. (...) Todo lo que han de decir, ya lo sé, y me lo tengo contestado. He querido ser leal, y si pequé, no me avergüenzo de haber pecado.²⁶

A utopia martiana configura-se no advir de um sonho, que, pensado de forma racional, viria a ser realizado quase cem anos depois (em partes) pelas "mãos" da Revolução Cubana de 1959²⁷.

Sua utopia em plena configuração só poderia ser concreta, nos dias atuais, quando todos os irmãos latino-americanos se unissem, como pregava a **Nuestra América** de Martí, contra o braço impiedoso do *Tio Sam*, que explora até "a última gota" as variadas reservas de nossos vizinhos hispano-americanos (como de grande parte do mundo).

Com essa união, os irmãos latino-americanos poderiam mostrar sua força, tomando as estribeiras de sua íntima situação e forjando uma verdade própria, sem as intransigências e estratégias golpistas do explorador.

²⁶ "Apresentação". In: **Versos Libres** (1889-1890). Também pode ser encontrado na Internet, carregado no sítio <http://www.exilio.com/Marti/VersosLib/introd.htm>.

²⁷ encontramos num discurso de Ernesto Che Guevara, proferido no dia 28 de janeiro de 1960 em Cuba, as grandes menções que ele faz à pessoa de Martí como "mentor direto da Revolução". Ver "orelha" do livro **Nossa América**. PEIXOTO (org.). São Paulo: HUCITEC, 1981.

O mito que da figura de Martí mostrou-se, nos é revelado como uma condição espontânea de compreensão de uma realidade que há muito se mostra evidenciada, desde a dominação européia sobre a América, e dessa condição espontânea surgirão definições como que entreabertas de um seio ferido (como visto no primeiro capítulo), por batalhas infindas, repletas de sangue latino do homem natural.

O mito instaura-se, surge então, o momento de tornar tal mito em figura, vivificadora da morte. A morte que em batalha, no formato de um clarão, cobriu toda a América Latina do extremo norte do México até o mais longínquo da Terra do Fogo. A América nova do homem natural se inauguraria em sangue novo, viabilizando o projeto fantástico, todavia impregnado de um senso de realidade que assusta por sua atualidade e que podemos encontrar no contexto social de um processo martiano-concreto, como é o caso de sua espontaneidade, advinda do sonho e instrumentalizada na luta pela existência.

2.2 - O PROCESSO UTÓPICO DE MARTÍ E SUA VIABILIDADE NO CONTEXTO SOCIAL HISPANO-AMERICANO

As palavras, quando sussurradas por criaturas hábeis, tendem a metamorfosear o homem. estimula-se, assim, o desejo de transformar tudo aquilo que, em primeira instância, parece impossível, ou talvez utópico.

Dessa forma, o que almeja o homem livre e o que por si só é sua liberdade, na qualidade de condutora de sonhada realidade, é, a seu ver, o atrever-se ao empreendimento da criação das instituições de um povo livre e oriundo de sua terra no *status* de Mãe geradora de benesses. Sendo assim, o manuseio de ferramentas capazes de arrancar dos homens seus próprios recursos, dando-lhes outros novos,

estranhos a ele e que não possam ser utilizados sem ajuda dos demais é a máxima atitude da atividade plenamente humana e revolucionária.

A utopia, quando posta em prática, nos levará à positividade de fatos, sendo moldados pelas mãos do próprio homem, criando instituições de povos, mudando cada fragmento da natureza humana, tornando o mundo em seu entorno mais digno de se viver. Tendo como parâmetro essa resolução, incluímos José Martí como homem de seu tempo, tentando moldar a natureza humana, a partir de sua utopia fantástica.

Ao se auto-ajudarem, os homens podem agregar, como meta de ajuda mútua, a felicidade, objetivando algo que atente para o horizonte social, e isso só se efetivará quando a razão, empregada em doses suficientemente necessárias, possa ser usada como arma de batalha, olvidando o caráter fantasioso de uma utopia que se mostra realizável (quando pensada em conjunto, com a união dos homens).

O que se percebe como concreto nesse instante de "delírio" é a oposição da razão ao desejo, isso tendo como predicado do desejo algo irracional, ou seja, a individualidade selvagememente humana, fincada na dimensão social do todo. Tendo esse desejo como paixão alimentadora de vida, situamo-lo neste ponto como força de caráter individual, isto é, paixão dos seres naquilo que compete somente a eles. Embora seja um sentimento próprio das paixões, as quais andam intimamente ligadas ao amor, o desejo abordado aqui transforma o homem em um ser egoísta e voraz, desvirtuando-se da realidade pensada pelo autor.

O conhecimento só se torna ação quando, embasado no exercício da razão, implica uma força progressiva rumo ao ato, tendo como finalidade do projeto utópico, outrora fantasioso, uma realidade em si, que fora sonhada e arquitetada. Desse modo, o correto exercício da razão opõe-se ao seu uso inadequado, que se reforça

com a realidade, apoiada no uso do poder²⁸ e no sentido desejável de tamanha utopia.

As instituições de poder podem ser percebidas em sua conduta de perpetuação (atitudes microfísicas de poder), instalada nos aparelhos ideológicos do Estado, conduta que nos é mostrada no instante em que esse poder usufrui do Estado, na pessoa de um grupo dominante, é esse mesmo grupo que perpetua tal poder, instrumentalizado nos aparelhos (Estado), nele representados²⁹.

A utopia não pode se realizar quando se equivoca na análise crítica de uma dada realidade, o método que se propõe empregar deve estar em harmonia com a realidade, seu uso adequado só depende de seu emprego conscientemente realizável.

Os artifícios agregados na observação concreta devem estar beneficiados pela infinidade de fatos que se mostram inteligíveis ao processo social ora vivido. O problema das utopias irrealizáveis encontra-se justamente neste ponto. Quando acontece o processo de *tecelagem* da realidade, ambos os problemas devem estar amparados no contexto social. E essa teia que tecemos no predicado de utopia racional se vincula intimamente ao contexto socialmente sustentável. A não sujeição da utopia deve vir fundamentada na realidade, concretamente descoberta na sociedade. Assim, encontramos bases suficientemente fortes para a construção de tal utopia, como possível estratégia de luta.

O idealismo de Martí encontra-se imbuído de motivações de crítica social, dessa forma, percebe-se em sua utopia uma profissão de fé junto aos nativos explorados, na crença de que deles surja o instrumento necessário para a tomada de consciência, oriunda da utopia fantástica da **Nuestra América**.

²⁸ Ver FIERRO. Op. citado, pp. 60-1.

²⁹ Ver FOUCAULT. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, pp. 49-73.

Ao adotar esses nativos (*hombre natural*) como homens de natureza revolucionária, Martí incita-os a lutar por aquilo que lhes pertence, que é sua terra como instrumento de labuta e construção. Com isso, seu idealismo utópico fundamenta-se em paragens habitadas por flores naturais, desprezando a exotividade que seus contemporâneos conferem a esses homens.

O exótico da **Nuestra América** é a presença de conquistadores e seus descendentes, pois daquela terra eles não nasceram, portanto, naquela terra eles não poderiam exercer seu afã de poder. A direção daquele povo deveria ser feita por ele próprio, nem que, para isso, se disseminasse uma revolução de sangue.

Os problemas do espírito humano, ao serem abordados pelo homem, forjam uma conotação diferenciada em cada ser, dessa mesma forma, também se distinguem as situações por ele trabalhadas. Tendo como princípio a "verdade" de seu povo (*nuestramericano*), José Martí abordou sua realidade respaldado na terra, ou melhor, nos povos da terra.

Como já foi referido anteriormente (na primeira parte deste capítulo), somente o homem natural poderia trabalhar sua terra e, por consequência, governá-la. Pensando dessa maneira, o *Apostol de Nuestra América* trabalhou sua utopia fantástica, tendo como parâmetro a realidade do homem hispano-americano. Evitando, com isso, a abordagem desse pensamento subordinado a valores criados para outros povos, com os quais o hispano-americano se parece muito pouco, e que se mostram viciados já em seu germen, viciados pelo pensamento europeu.

Toda a sua batalha em vida se pautou na demonstração desse povo adaptado ao seu pensamento original, inaugurando, daí, a definição de um pensamento autóctone (essa autonomia estava voltada à terra, ou seja, mesmo dentro da mestiçagem, alguma coisa os uniria) e, acima de tudo, sem imitações europeias. Eis mais um ponto, primordial, para compreender a utopia fantástica de Martí, percebe-se

que está intimamente fundamentada na razão e, concomitantemente, na realidade aqui encontrada. Todavia, Martí não foi o único a pensar a América como povo autônomo, seu antecessor Simón Bolívar (1783-1830) também o fez.

Podemos perceber isso em um discurso seu, pronunciado ante o Congresso de Angostura em 1819, quando critica profundamente a Constituição Venezuelana. Ele via nesta uma recompilação de realidades mui distintas, como é o caso do código de Washington e da constituição da República Francesa.

Vejamos:

¿No dice el Espíritu de las leyes que éstas deben ser propias para el pueblo que se hacen? ¿que es una gran casualidad que las de una nación puedan convenir a otra? ¿que las leyes deben ser relativas a lo físico del país, al clima, a la calidad del terreno, a su situación, a su extensión, al género de vida de los pueblos? ¿[que deben] referirse al grado de libertad que la constitución puede sufrir, a la religión de los habitantes, a sus inclinaciones, a sus riquezas, a su número, a su comercio, a sus costumbres, a sus modales? ¡He aquí el código que debíamos consultar y no el de Washington!³⁰

Eis, portanto, um dos grandes pecados do pensamento hispano-americano no período pós-independência, os pensadores de então se amparavam em teorias eurocêtricas para compreender a realidade americana. Embora existissem pensadores como Martí ou Bolívar, que invertiam tais conceitos, a grande maioria da *intelligentsia* hispano-americana optava por parâmetros europeus e preconceituosos.

Felizmente, dentre tantos autores, Emiliano Zapata, Martí e Bolívar (principais nomes da luta pela libertação da América) pensavam de forma diferenciada, enquanto os outros viam no nativo o atraso do continente americano.

Compreende-se um povo partindo do pressuposto básico de sua cultura em si mesma, olvidando que exteriormente existam outras, não que devam ser

³⁰ GÓMEZ-MARTÍNEZ. Pensamiento hispanoamericano: siglo XIX. In: <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/generales>.

desprezadas, pelo contrario, devem ser respeitadas. Ou seja, cada cultura tem sua peculiaridade, sendo necessário respeitá-la e interpretá-la, de acordo com essas particularidades e com seus próprios princípios³¹.

Segundo Bilbao (1823-1865) ao se referir ao Estado ideal:

O pensamento da revolução continha a independência do território, a soberania do indivíduo, a soberania do povo, a forma republicana de governo, o advento da democracia desde a aldeia até as capitais, a separação da Igreja do Estado; (..) a igualdade das raças, reconhecendo seus direitos e a terra que possui³² (tradução livre).

Local de democracia, contudo, nesse mesmo ambiente, nota-se uma pseudodemocracia truncada e injusta, lugar de disputas constantes pelo poder. À luz do discurso de Bilbao, supõe-se que essa democracia seria governada por homens cultos (formados nas universidades européias).

Podemos dizer que em Martí, ao buscar a revolução, não se fazia muita distinção do pensamento de Bilbao, contudo nota-se, no poeta, um maior apelo aos nativos, e não se percebe tão completamente isso em Bilbao. Este último estava contaminado pelo pensamento eurocêntrico, repetia: "apenas os homens cultos e educados no Velho Mundo poderiam conduzir este continente"; sua maior discrepância, em se comparando ao pensamento martiano, transcrito em fragmento, abaixo.

(..) no hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza (...). el libro importado ha sido vencido en América por el hombre natural. Los hombres naturales han vencido a los letrados artificiales. El mestizo autóctono ha vencido al criollo exótico.³³

³¹ Estamos fundamentando nosso estudo apenas na pessoa de Martí, apesar de encontrar em outros os mesmos anseios de liberdade e solidariedade, estes outros autores serão o complemento de um projeto maior – o projeto da *Nuestra América* –, idealizado pelo Apóstolo em seu célebre manifesto com o mesmo título, considerado o germen de sua utopia fantástica, a utopia da razão.

³² Ver BILBAO, *El pensamiento vivo de Francisco Bilbao*. Santiago: Ed. Nascimento, 1940, p. 114.

³³ MARTÍ, *Nuestra América*, op. citado, § 7.

De acordo com o fragmento acima, a fórmula para a integração da América, deveria se ater ao conceito de identidade natural (identidade amparada na natureza nativa). Sempre voltado para estes homens naturais, não permitindo que o *criollo* exótico e o estrangeiro participassem dessa "partilha".

Em um Congresso recente, acontecido em 1999, alguns americanistas retomaram as idéias de Martí, propondo adendos de caráter universalista. Neste Encontro, "*a unidade na diversidade tentaria superar noções autoritárias*", o que não fica bem claro para nós é seu caráter; até que ponto existe uma negação de outros povos, recorrentes de outras partes do mundo? Uma questão que preferimos deixar em aberto.

Vejamos:

Como fórmula positiva para la integración, propiciamos el innovador concepto de identidad, como unidad en la diversidad, que intenta superar nociones autoritarias o discriminantes – las del ser o el carácter nacional – para convertirse en un magno ideal civilizatorio por su alto grado de univerzalización. La identidad, como proceso de afirmación individual y colectiva, se aúna con la utopía, en tanto ambas tienden a modificar un ordenamiento maniqueo, compuesto por una casta privilegiada y una creciente masa de sumergidos.³⁴

As discussões que surgiram após referido Encontro nos levam a pensar possibilidades. Dessa forma, a explanação que segue a partir de agora tem muito de atual.

Até que ponto, esta problemática interfere em nosso dia-a-dia? E ainda, como tem sido nossa preocupação (se é que ela existe), quanto a este contexto?

³⁴ **DECLARACIÓN de San Leopoldo**, datada de maio de 1999, tendo como local a cidade de São Leopoldo (RS), redigida após a realização do encontro CORREDOR DE LAS IDEAS (Punta del Este, Paraguai) em abril de 1998. A este, assistiram investigadores e professores das seguintes universidades: Universidad de la República (Uruguai), UNISINOS (Brasil), Universidad de la Plata (Argentina).

2.3 – UTOPIA, "AINDA QUE TARDIA" (VIABILIDADE CONFORMADORA OU NÃO?)³⁵

O homem americano, usando do vocábulo "utopia"; poderia lançar a semente germinadora da luta, e os indivíduos naturais, ao reivindicarem sua terra, fundariam um governo natural, no qual a *naturaleza* seria o ponto de partida para a realização de sonhos, e haveria, finalmente, o usufruto de tudo aquilo que fora selvagemmente arrancado deles.

A terra que outrora lhes pertencera poderia tê-los como condutores da ditadura do amor, pela qual o bonde da História a fomentaria por todas as fronteiras, disseminando a liberdade enquanto produto de uma batalha viva e rejuvenescedora.

A lamentação humana só é concebida em sua plena instância quando do seu advir, assim, as cortinas da **Nuestra América** a descortinam (lamentação) por completo, induzindo o homem natural (homem natural com sua proposta de amor à Terra) à sua afirmação e reinventando o cotidiano de luta e vida para privilegiar o ser nativo (talvez esta seria a maior proposição de Martí para os nativos, devolver-lhes o direito à vida).

A situação por que todo um povo passava, suas lamentações e sofreres, vêm à tona com Martí. O *nuestramericano* encontraria sua voz no vazio e a buscaria de novo, fazendo com que o eco de seu sofrer fosse ouvido pelo poeta e por todo o mundo. Na pessoa dessa utopia fantástica, finalmente, ecoam esses lamentos a tal

Universidad de Playa Ancha (Chile). Universidad de Santiago (Chile) e Universidad del Cono Sur de las Américas (Paraguai).

³⁵ As informações que estão neste subcapítulo tem, na sua conformação, um ponto de vista mais pessoal. Tomei liberdade por estar expressando minha opinião acerca de referida situação.

ponto, de tomarem corpo e se mostrarem nus e miseráveis, escancarando de vez toda aquela era de escuridão.

Todavia, ainda hoje nossa vida é, pelo menos a de grande parte dos homens, levada pela emoção, o ser humano é, acima de tudo, emocional (sem esquecer que esse emocional está intimamente influenciado pelo momento histórico em que tal homem se insere. Além de emocional, somos históricos), eis quando surge o gigante da humanidade para ouvir tais clamores, fazendo chegar às nações do Velho Mundo esse sussurro que mais parece um grito de horror, e também aos ouvidos de nossos contemporâneos do século XX o "pêndulo das trevas"³⁶, em que a vida era medida pela sua insigne situação de miséria.

A realidade do homem como massa amorfa de batalha, excluído de um contexto social que lhe pertence, marginalizando-se à "civilização ocidental" em seu próprio *habitat*, veste-se de véu e fazenda negra. A face de outrora ocultou-se na farsa desse miserável instante, eis a justificativa de sombrio véu.

Um fato que resultaria na criação da "raça" *nuestramericana* seria a união (como dito acima), pondo de lado a solidão que tanto afligia o homem nativo. A solidão de seu ser com sua Mãe, a solidão de sua terra.

Tem-se o tempo em que esse nativo saíra de cena, após concretizá-lo como ato de solidão. E esse ato que, outrora, preconizado pelo conquistador ainda aflige, evoluindo por conta própria. Surge, então, a figura do poeta, o mesmo que, interpelado pela humanidade de seu ser demasiado humano, vislumbra em tal humanidade (homem natural) uma poesia da utopia que fantástica se mostra.

Nesse momento, foi necessário que essa utopia fantástica descerrasse as cortinas que ainda escondiam o ato subumano das lamentações. A solidão do

³⁶ Para o homem americano, sua vida, enquanto situação de colônia, foi marcada por um abismo obscuro, um período de trevas, que ressalta ainda mais sua orfandade.

homem natural afogava o coração de Martí. O poeta precisava escrever, gritar... fundamentar a utopia fantástica, buscando, com isso, um emplasto para suas dores e a de seus irmãos latinos.

E o Apóstolo que, competente se mostrou visualiza esse homem novamente humano e seu maior almejo quer se concretizar.

Dessa forma, o ponto de partida para se compreender a filosofia do poeta, além de seu apego demasiado humano, é a forma pela qual, segundo sua especificidade *nuestramericana*, aborda a reflexão filosófica.

Sua reflexão filosófica fundamenta-se no princípio da compreensão do mundo, pautado na experiência prático-teórica³⁷. Concebemos em sua utopia fantástica uma vinculação à real situação dos nativos, um dos princípios a mais para que possamos analisá-la como fim racional e realizável.

A sua filosofia torna-se um pensar explicativo que se apresenta, esquematicamente abordado em quatro pontos essenciais. 1) Numa primeira instância o seu pensar articula-se como resposta a algo; 2) passando para o entender da questão, isso no sentido de contestar e/ou contradizer; 3) moldando, após, um pensamento que incitaria o real como formação histórica, esboçando possíveis alternativas para eventuais conflitos, e, por último, 4) seu pensar se concebe em fundamentar a realidade, unindo, desde seu princípio, as dimensões do saber crítico e da responsabilidade ética.

A responsabilidade que recai sobre as costas de José Martí é a mesma responsabilidade de um povo mergulhado em lamentações e miséria, um povo que precisava gritar de novo, pois seus ancestrais assim o fizeram quando da chegada do conquistador espanhol.

³⁷ Ver FORNET-BETANCOURT. *Elementos para una lectura filosófica de José Martí*. In: <http://ensayo.rom.uga.edu/filosofos/cuba/marti/marti3.htm> (onde ele aborda a filosofia prática de Martí).

Na ordem intelectual abordada por Martí e nos diferentes gêneros de coisas que fazem parte dessa ordem, não existe uma verdade única e universal, para ele, cada situação mostra-se distinta em si mesma, e como a América é uma situação distinta em si mesma, ela teria que adotar uma ordem própria à sua essência.

E o Eu próprio se mostrando, harmoniosamente, tentando direcionar a verdade pregada pelo Apóstolo. Haja vista que o *hombre natural* se faz no predicado de indivíduo histórico. Percebemos, então, que o apóstolo previu nesse homem o realizador de sua utopia fantástica, o Eu que harmonizaria as várias verdades, fazendo com que se disseminasse em seu entorno uma verdade própria em que sua pessoa poderia ser o condutor da sua **Nuestra América**.

Para isso, deveria haver uma harmonia entre as distintas "verdades" que se moldam na filosofia de Martí, tal como existe harmonia entre as coisas. Embora não se possa dizer que dessa harmonia todas as coisas sejam uma só, mesmo porque é justamente a abordagem que Martí evita. O Eu como princípio da filosofia martiana desemboca na origem de tudo, todavia não é a explicação de tudo. Ele dá origem aos seus conceitos e os harmoniza.

Notamos nesse Eu a instância criadora e ordenadora do todo social, sendo compreendido a partir de um subjetivismo isolado, originando todo o conhecimento do homem. "A razão, como um soldado leal, depõe as armas depois da vitória no altar intocável e invisível do maravilhoso".

O Belo em Martí se originaria na filosofia da **Nuestra América**, seria esse ponto o patamar de toda uma reviravolta histórica; a reviravolta maravilhosa da verdade utópica, como retomada do poder (leia-se justiça) e, em consequência, a elucidação do fantástico.

Para tanto, a autonomia da razão encontra-se sempre ancorada em um horizonte maior e cuja luz essa razão compreende. Sendo que sua racionalidade só

pode afirmar-se na forma do respeito e reconhecimento de outras formas de saber (e por que não dizer outras formas de vida?), vendo, na realidade *Nuestra América*, o nativo como mentor responsável por esse respeito. O que vai permitir à sua Mãe (natureza) dignidade e autonomia, desde que ancorada no servir-se solidariamente.

As várias formas de realidade podem não ser expressáveis em conceitos lógicos, talvez esse seria o clímax da filosofia martiana, fundamentado na concretização de sua utopia fantástica.

O grande número de escolas que abrigam tantas realidades (conceitos), são, para o apóstolo, transitáveis, como muitas estações que nos apoiam na viagem do conhecer, porém sem torná-las absolutas. Como se fosse uma metáfora em que as diversas "raças" naturais se harmonizassem no projeto *nuestramericano*.

A realidade do Estado americano de então se fundamentava na distinção de "raças", na discriminação dos homens e, no entanto, no Estado ideal que Martí pregava não poderia haver tais rancores, pelo contrário, deveria haver uma harmonização. Como exemplificação dessa realidade, podemos citar Foucault com sua denominação de Estado que, apesar de estar localizado espacialmente bem depois de Martí, poderia ilustrar muito bem a idéia de Estado, difundida pelo Apóstolo;

Segundo Michel Foucault,

(..) o tema do Estado, que era necessariamente injusto na contra-história das raças, vai se transformar em tema inverso: o Estado não é o instrumento de uma raça contra uma outra, mas é, e deve ser, o protetor da integridade, da superioridade e da pureza da raça. A idéia da pureza da raça com tudo o que comporta a um só tempo de monístico, de estatal e de biológico, será aquela que vai substituir a idéia da luta das raças.³⁸

³⁸ Ver FOUCAULT. Op. citado. p. 95.

O papel da História tem-se mostrado de forma contundente ao travar batalhas contra o Estado vigente e, conseqüentemente, às leis que tem criado, principalmente, se essas leis se fundamentarem em formas injustas e subumanas de governar, como era o caso dos hispano-americanos no período da conquista.

Essas batalhas travadas têm como intuito principal o desmascaramento de reis e leis, porque ambos enganam, aí surgem mitos como Martí para desmascará-las, mudando o percurso da História, fazendo com que sua dialética se eternize pela mão dos homens, pela mão dos explorados. Recuperando-lhes a força para poderem lutar, tudo isso via utopia fantástica da **Nuestra América**.

O discurso histórico dilacera a sociedade e só fala de direito justo ao declarar guerra contra as leis, as mesmas leis que oprimem e massacram o nativo em sua gana de existir. E esse discurso histórico é a fundamentação do poeta para dilacerar as verdades da História eurocêntrica do conquistador, o discurso que nos impele à descontinuidade, também representada na História daqueles que lutam.

O canto rouco das raças é estimulado a gritar, para que possam enfrentar as mentiras da sociedade hispano-americana de então, e com esse intuito o apóstolo conclama-as a isso, a partir de sua utopia fantástica. As leis e os reis já não representavam mais aquele povo *nuestramericano*, o povo da América nova.

Nesse sentido, o poeta produziu seu discurso revolucionário, tentando fazer dele a prosa administrativa de um Estado *nuestramericano* que, em nome da pureza e da verdade condizente com a América, poderia resguardar aquele povo, estimulando o amor-doação entre seus habitantes.

Finalizando as constantes lamentações e inaugurando um período próspero e autônomo, no qual o homem natural, instrumentalizado pela utopia fantástica, poderia tornar-se livre, em todos os patamares de sua miserável existência. Livre para crescer, livre para pensar e livre para criar um mundo mais justo, e, ainda, por que

não um mundo demasiado humano, extinguindo de tais *rincones* a nevoa obscura do jugo espanhol?

Segundo Martí, a glória da nação nuestramericana vinha após a derrubada do poder espanhol, inaugurando, assim, a perpetuação da América nova, a **Nuestra América** da utopia fantástica martiana.

Second-Order

A vida, como criação de um ideal objetivo (como o novo que advém por meio da utopia), transformando tudo ao seu redor, insere-se no instinto do homem, capacitando-o a transformar estes anseios em arma de batalha.

Assim, a cobrança de direitos inalienáveis e inerentes à sua humanidade, amparada em uma plena contextualização do ambiente, pelos indivíduos históricos, leva o homem a construir sua luta, como único direito de mudança e liberdade que o persegue, impelindo-o a fazer transformações. Esta luta tenta se objetivar nas palavras do Apóstolo (pelo menos em teoria), conformando um novo homem.

À alma dessas afirmativas, ao cobrar alguma coisa que por direito é pertinente ao nosso estado de ser, a vida se estrutura na eviterna busca de algo que, mesmo não tendo a certeza de conseguir, sempre estaremos procurando.

Sabemos que nossos projetos, quando bem armados e reconduzidos, tendem a levar-nos à sua objetivação, uma vez que um projeto em si é a conformação de uma realidade, encontrada no despontar de uma idéia, configurando-se no vislumbre de um futuro possível.

Um futuro em que as nações americanas, formadas por povos novos, por uma natureza particular e por propostas também novas, poderiam elaborar soluções próprias, advindas de uma análise distinta, humanizante e emancipadora, como fez José Martí.

#

O conclamar pela união de forças, assim como Martí pregou, vai incitar a transformação ambiental e valorativa dos seres: muitos que lerem essa monografia podem chamar-me sonhador, sim, até certo ponto o sou, contudo sei que sonhos são a matéria primeira do instigar à mudança. Só através do sonho podemos vislumbrar

algo que pretendemos mudar, logo, as transformações só podem ser previamente estabelecidas via sonho, e está justamente aí o ponto inicial desse novo horizonte.

Ao sonhar, o homem deixa aflorar o que tem de mais humano, que é a sua paixão no formato de vida a buscar, e que, além da paixão, toda labuta diária o permite realizar seus anseios. Ambas ações são necessárias, eis então uma matéria primeira em evidência.

E esses valores solidários, bastante discutidos por Martí na **Nuestra América**, ainda poderão ter utilidade em nosso meio social. Por mais que tenhamos uma separação de mais de cem anos, as preocupações alentadas por ele ainda nos sobressaltam e incomodam, e juntamente com essas preocupações, suas proposições, de fato, humanas e sinceras muito poderiam nos servir, desde que empregadas de forma justa e coerente.

Essa comunicação entre o "novo" (tão velho que cem anos atrás estava sendo levantado por Martí) e o "já instituído", quando empreendida de forma adequada, pode levar a um aprendizado da linguagem do outro, onde todas as visões de conhecimento se compartilham de forma harmônica, enaltecendo a espécie humana de maneira a metamorfosear o homem em um ser mais justo e sensível àquilo que de bom vem bater à sua porta, como é o caso das paixões. E estas últimas, alimentadas pelo amor estrutural que temos junto ao outro, poderão ser inseridas no todo coletivo que é a espécie humana, levando-lhe a pensar e refletir sobre sua atitude e seu papel transformador, ante as mazelas sociais.

Assim, esse conhecimento, quando compartilhado, se transforma em arma necessária e inalienável para o exercer de sua plena liberdade, expressa na vontade de querer.

Apenas o solidarizar-se conseguirá tirar o homem do turbilhão de elementos que é a modernidade, elevando-o ao patamar de humanidade mais pura.

Em suma, a "tradução" que fazemos de outros conhecimentos vêm para incorporar ao nosso espírito, significados que outrora se nos mostrava ocultos, ao mesmo tempo que vão se adequar ao nosso conjunto pessoal, enriquecendo ainda mais a pessoa e a "cultura" que cada um de nós é.

Há que conhecer para entender, assim, os intelectuais não de redirecionar conceitos, cada qual peculiar ao ambiente ora pensado e compreendido para se evitar a "aculturalização" da comunidade em estudo.

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe um grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre outros galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

A

n

e

x

o

NUESTRA AMÉRICA

§ 1

Cree el aldeano vanidoso que el mundo entero es su aldea, y con tal que él quede de alcalde, o le mortifique al rival que le quitó la novia, o le crezcan en la alcancía los ahorros, ya da por bueno el orden universal, sin saber de los gigantes que llevan siete leguas en las botas y le pueden poner la bota encima, ni de la pelea de los cometas en el cielo, que van por el aire dormido engullendo mundos. Lo que quede de aldea en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada, como los varones de Juan de Castellanos: las armas del juicio, que vencen a las otras. Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra.

§ 2

No hay proa que taje una nube de ideas. Una idea enérgica, flameada a tiempo ante el mundo, para, como la bandera mística del juicio final, a un escuadrón de acorazados. Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. Los que se enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la misma tierra, o el de casa chica, que le tiene envidia al de casa mejor, han de encajar, de modo que sean una, las dos manos. Los que, al amparo de una tradición criminal, cercenaron, con el sable tinto en la sangre de sus mismas venas, la tierra del hermano vencido, del hermano castigado más allá de sus culpas, si no quieren que les llame el pueblo ladrones, devuélvanle sus tierras al hermano. Las deudas del honor no las cobra el honrado en dinero, a tanto por la bofetada. Ya no podemos ser el pueblo de hojas, que vive en el aire, con la copa cargada de flor, restallando o zumbando, según la acaricie el capricho de la luz, o la tundan y talen las tempestades; ¡los árboles se han de poner en fila, para que no pase el gigante de las siete leguas! Es la hora del recuento, y de la marcha unida, y hemos de andar en cuadro apretado, como la plata en las raíces de los Andes.

§ 3

A los sietemesinos sólo les faltará el valor. Los que no tienen fe en su tierra son hombres de siete meses. Porque les falta el valor a ellos, se lo niegan a los demás. No les alcanza al árbol difícil el brazo canijo, el brazo de uñas pintadas y pulsera, el brazo de Madrid o de París, y dicen que no se puede alcanzar el árbol. Hay que cargar los barcos de esos insectos dañinos, que le roen el hueso a la patria que los nutre. Si son parisienses o madrileños, vayan al Prado, de faroles, o vayan a Tortoni, de sorbetes. ¡Estos hijos de carpintero, que se avergüenzan de que su padre sea carpintero! ¡Estos nacidos en América, que se avergüenzan, porque llevan delantal indio, de la madre que los crió, y reniegan, ¡bribones!, de la madre enferma, y la dejan sola en el lecho de las enfermedades! Pues, ¿quién es el hombre?, ¿el que se queda con la madre, a curarle la enfermedad, o el que la pone a trabajar donde no la vean, y vive de su sustento en las tierras podridas, con el gusano de corbata, maldiciendo del seno que lo cargó, paseando el letrero de traidor en la espalda de la casaca de papel? ¡Estos hijos de nuestra América, que ha de salvarse con sus indios, y va de menos a más: estos desertores que piden fusil en los ejércitos de la América del Norte, que ahoga en sangre a sus indios, y va de más a menos! ¡Estos delicados, que son hombres y no quieren hacer el trabajo de hombres! Pues el Washington que les hizo esta tierra ¿se fue a vivir con los ingleses, a vivir con los ingleses en los años en que los veía venir contra su tierra propia? ¡Estos "increíbles" del honor, que lo arrastran

por el suelo extranjero, como los increíbles de la Revolución francesa, danzando y relamiéndose, arrastraban las erres!

§ 4

Ni ¿en qué patria puede tener un hombre más orgullo que en nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de pelea del libro con el crial, sobre los brazos sangrientos de un centenar de apóstoles? De factores tan descompuestos, jamás, en menos tiempo histórico, se han creado naciones tan adelantadas y compactas. Cree el soberbio que la tierra fue hecha para servirle de pedestal, porque tiene la pluma fácil o la palabra de colores, y acusa de incapaz e irremediable a su república nativa, porque no le dan sus selvas nuevas modo continuo de ir por el mundo de gamonal famoso, guiando jacas de Persia y derramando champaña. La incapacidad no está en el país naciente, que pide formas que se le acomoden y grandeza útil, sino en los que quieren regir pueblos originales, de composición singular y violenta, con leyes heredadas de cuatro siglos de práctica libre en los Estados Unidos, de diecinueve siglos de monarquía en Francia. Con un decreto de Hamilton no se le para la pechada al potro del llanero. Con una frase de Sieyès no se desestanca la sangre cuajada de la raza india. A lo que es, allí donde se gobierna, hay que atender para gobernar bien; y el buen gobernante en América no es el que sabe cómo se gobierna el alemán o el francés, sino el que sabe con qué elementos está hecho su país, y cómo puede ir guiándolos en junto, para llegar, por métodos e instituciones nacidas del país mismo, a aquel estado apetecible donde cada hombre se conoce y ejerce, y disfrutan todos de la abundancia que la Naturaleza puso para todos en el pueblo que fecundan con su trabajo y defienden con sus vidas. El gobierno ha de nacer del país. El espíritu del gobierno ha de ser el del país. La forma del gobierno ha de avenirse a la constitución propia del país. El gobierno no es más que el equilibrio de los elementos naturales del país.

§ 5

Por eso el libro importado ha sido vencido en América por el hombre natural. Los hombres naturales han vencido a los letrados artificiales. El mestizo autóctono ha vencido al criollo exótico. No hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza. El hombre natural es bueno, y acata y premia la inteligencia superior, mientras ésta no se vale de su sumisión para dañarle, o le ofende prescindiendo de él, que es cosa que no perdona el hombre natural, dispuesto a recobrar por la fuerza el respeto de quien le hiere la susceptibilidad o le perjudica el interés. Por esta conformidad con los elementos naturales desdeñados han subido los tiranos de América al poder; y han caído en cuanto les hicieron traición. Las repúblicas han purgado en las tiranías su incapacidad para conocer los elementos verdaderos del país, derivar de ellos la forma de gobierno y gobernar con ellos. Gobernante, en un pueblo nuevo, quiere decir creador.

§ 6

En pueblos compuestos de elementos cultos e incultos, los incultos gobernarán, por su hábito de agredir y resolver las dudas con la mano, allí donde los cultos no aprendan el arte del gobierno. La masa inculta es perezosa, y tímida en las cosas de la inteligencia, y quiere que la gobiernen bien; pero si el gobierno le lastima, se lo sacude y gobierna ella. ¿Cómo han de salir de las Universidades los gobernantes, si no hay Universidad en América donde se enseñe lo rudimentario del arte del gobierno, que es el análisis de los elementos peculiares de los pueblos de América? A adivinar salen los jóvenes al mundo, con antiparras yanquis o francesas, y

aspiran a dirigir un pueblo que no conocen. En la carrera de la política habría de negarse la entrada a los que desconocen los rudimentos de la política. El premio de los certámenes no ha de ser para la mejor oda, sino para el mejor estudio de los factores del país en que se vive. En el periódico, en la cátedra, en la academia, debe llevarse adelante el estudio de los factores reales del país. Conocerlos basta, sin vendas ni ambages: porque el que pone de lado, por voluntad u olvido, una parte de la verdad, cae a la larga por la verdad que le faltó, que crece en la negligencia, y derriba lo que se levanta sin ella. Resolver el problema después de conocer sus elementos, es más fácil que resolver el problema sin conocerlos. Viene el hombre natural, indignado y fuerte, y derriba la justicia acumulada de los libros, porque no se la administra en acuerdo con las necesidades patentes del país. Conocer es resolver. Conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento, es el único modo de librarlo de tiranías. La universidad europea ha de ceder a la universidad americana. La historia de América, de los incas a acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria. Los políticos nacionales han de reemplazar a los políticos exóticos. Injértese en nuestras Repúblicas el mundo; pero el tronco ha de ser el de nuestras Repúblicas. Y calle el pedante vencido; que no hay patria en que pueda tener el hombre más orgullo que en nuestras dolorosas repúblicas americanas.

§ 7

Con los pies en el rosario, la cabeza blanca y el cuerpo pinto de indio y criollo, venimos, denodados, al mundo de las naciones. Con el estandarte de la Virgen salimos a la conquista de la libertad. Un cura, unos cuantos tenientes y una mujer alzan en México la república en hombros de los indios. Un canónigo español, a la sombra de su capa, instruye en la libertad francesa a unos cuantos bachilleres magníficos, que ponen de jefe de Centro América contra España al general de España. Con los hábitos monárquicos, y el Sol por pecho, se echaron a levantar pueblos los venezolanos por el Norte y los argentinos por el Sur. Cuando los dos héroes chocaron, y el continente iba a temblar, uno, que no fue el menos grande, volvió riendas. Y como el heroísmo en la paz es más escaso, porque es menos glorioso que el de la guerra; como al hombre le es más fácil morir con honra que pensar con orden; como gobernar con los sentimientos exaltados y unánimes es más hacedero que dirigir, después de la pelea, los pensamientos diversos, arrogantes, exóticos o ambiciosos; como los poderes arrollados en la arremetida épica zapaban, con la cautela felina de la especie y el peso de lo real, el edificio que había izado, en las comarcas burdas y singulares de nuestra América mestiza, en los pueblos de pierna desnuda y casaca de París, la bandera de los pueblos nutridos de savia gobernante en la práctica continua de la razón y de la libertad; como la constitución jerárquica de las colonias resistía la organización democrática de la República, o las capitales de corbatín dejaban en el zaguán al campo de bota-de-potro, o los redentores bibliógenos no entendieron que la revolución que triunfó con el alma de la tierra, desatada a la voz del salvador, con el alma de la tierra había de gobernar, y no contra ella ni sin ella, entró a padecer América, y padece, de la fatiga de acomodación entre los elementos discordantes y hostiles que heredó de un colonizador despótico y avieso, y las ideas y formas importadas que han venido retardando, por su falta de realidad local, el gobierno lógico. El continente descoyuntado durante tres siglos por un mando que negaba el derecho del hombre al ejercicio de su razón, entró, desatendiendo o desoyendo a los ignorantes que lo habían ayudado a redimirse, en un gobierno que tenía por base la razón; la razón de todos en las cosas de todos, y no la razón universitaria de uno sobre la razón campestre de otros. El problema de la independencia no era el cambio de formas, sino el cambio de espíritu.

§ 8

Con los oprimidos había que hacer causa común, para afianzar el sistema opuesto a los intereses y hábitos de mando de los opresores. El tigre, espantado del fogonazo, vuelve de noche al lugar de la presa. Muere echando llamas por los ojos y con las zarpas al aire. No se le oye venir, sino que viene con zarpas de terciopelo. Guando la presa despierta, tiene al tigre encima. La colonia continuó viviendo en la república; y nuestra América se está salvando de sus grandes yerros — de la soberbia de las ciudades capitales, del triunfo ciego de los campesinos desdeñados, de la importación excesiva de las ideas y fórmulas ajenas, del desdén inicuo e impolítico de la raza aborigen, — por la virtud superior, abonada con sangre necesaria, de la república que lucha contra la colonia. El tigre espera, detrás de cada árbol, acurrucado en cada esquina. Morirá, con las zarpas al aire, echando llamas por los ojos.

§ 9

Pero "estos países se salvarán", como anunció Rivadavia el argentino, el que pecó de finura en tiempos crudos; al machete no le va vaina de seda, ni en el país que se ganó con lanzón se puede echar el lanzón atrás, porque se enoja, y se pone en la puerta del Congreso de Iturbide "a que le hagan emperador al rubio". Estos países se salvarán, porque, con el genio de la moderación que parece imperar, por la armonía serena de la Naturaleza, en el continente de la luz, y por el influjo de la lectura crítica que ha sucedido en Europa a la lectura de tanteo y falansterio en que se empapó la generación anterior, le está naciendo a América, en estos tiempos reales, el hombre real.

§ 10

Eramos una visión, con el pecho de atleta, las manos de petimetre y la frente de niño. Eramos una máscara, con los calzones de Inglaterra, el chaleco parisiense, el chaquetón de Norteamérica y la montera de España. El indio, mudo, nos daba vueltas alrededor, y se iba al monte, a la cumbre del monte, a bautizar sus hijos. El negro, oteado, cantaba en la noche la música de su corazón, solo y desconocido, entre las olas y las fieras. El campesino, el creador, se revolvía, ciego de indignación, contra la ciudad desdeñosa, contra su criatura. Eramos charreteras y togas, en países que venían al mundo con la alpargata en los pies y la vincha en la cabeza. El genio hubiera estado en hermanar, con la caridad del corazón y con el atrevimiento de los fundadores, la vincha y la toga; en desestancar al indio; en ir haciendo lado al negro suficiente; en ajustar la libertad al cuerpo de los que se alzaron y vencieron por ella. Nos quedó el oidor, y el general, y el letrado, y el prebendado. La juventud angélica, como de los brazos de un pulpo, echaba al Cielo, para caer con gloria estéril, la cabeza coronada de nubes. El pueblo natural, con el empuje del instinto, arrollaba, ciego del triunfo, los bastones de oro. Ni el libro europeo, ni el libro yanqui, daban la clave del enigma hispanoamericano. Se probó el odio, y los países venían cada año a menos. Cansados del odio inútil, de la resistencia del libro contra la lanza, de la razón contra el cirial, de la ciudad contra el campo, del imperio imposible de las castas urbanas divididas sobre la nación natural, tempestuosa o inerte, se empieza, como sin saberlo, a probar el amor. Se ponen en pie los pueblos, y se saludan. "¿Cómo somos?" se preguntan; y unos a otros se van diciendo cómo son. Cuando aparece en Cojimar un problema, no va a buscar la solución a Danzig. Las levitas son todavía de Francia, pero el pensamiento empieza a ser de América. Los jóvenes de América se ponen la camisa al codo, hunden las manos en la masa y la levantan con la levadura de su sudor. Entienden que se imita demasiado, y que la salvación está en crear. Crear es la palabra de pase de esta generación. El vino, de

plátano; y si sale agrio, ¡es nuestro vino! Se entiende que las formas de gobierno de un país han de acomodarse a sus elementos naturales; que las ideas absolutas, para no caer por un yerro de forma, han de ponerse en formas relativas; que la libertad, para ser viable, tiene que ser sincera y plena; que si la república no abre los brazos a todos y adelanta con todos, muere la república. El tigre de adentro se entra por la hendija, y el tigre de afuera. El general sujeta en la marcha la caballería al paso de los infantes. O si deja a la zaga a los infantes, le envuelve el enemigo la caballería. Estrategia es política. Los pueblos han de vivir criticándose, porque la crítica es la salud; pero con un solo pecho y una sola mente. ¡Bajarse hasta los infelices y alzarlos en los brazos! ¡Con el fuego del corazón deshelar la América coagulada! ¡Echar, bullendo y rebotando por las venas, la sangre natural del país! En pie, con los ojos alegres de los trabajadores, se saludan, de un pueblo a otro, los hombres nuevos americanos. Surgen los estadistas naturales del estudio directo de la Naturaleza. Leen para aplicar, pero no para copiar. Los economistas estudian la dificultad en sus orígenes. Los oradores empiezan a ser sobrios. Los dramaturgos traen los caracteres nativos a la escena. Las academias discuten temas viables. La poesía se corta la melena zorrillesca y cuelga del árbol glorioso el chaleco colorado. La prosa, centelleante y cernida, va cargada de idea. Los gobernadores, en las repúblicas de indios, aprenden indio.

§ 11

De todos sus peligros se va salvando América. Sobre algunas repúblicas está durmiendo el pulpo. Otras, por la ley del equilibrio, se echan a pie a la mar, a recobrar, con prisa loca y sublime, los siglos perdidos. Otras, olvidando que Juárez paseaba en un coche de mulas, ponen coche de viento y de cochero a una bomba de jabón; el lujo venenoso, enemigo de la libertad, pudre al hombre liviano y abre la puerta al extranjero. Otras acendran, con el espíritu épico de la independencia amenazada, el carácter viril. Otras crían, en la guerra rapaz contra el vecino, la soldadesca que puede devorarlas. Pero otro peligro corre, acaso, nuestra América, que no le viene de sí, sino de la diferencia de orígenes, métodos e intereses entre los dos factores continentales, y es la hora próxima en que se le acerque demandando relaciones íntimas, un pueblo emprendedor y pujante que la desconoce y la desdeña. Y como los pueblos viriles, que se han hecho de sí propios, con la escopeta y la ley, aman, y sólo aman, a los pueblos viriles; como la hora del desenfreno y la ambición, de que acaso se libre, por el predominio de lo más puro de su sangre, la América del Norte, o el que pudieran lanzarla sus masas vengativas y sórdidas, la tradición de conquista y el interés de un caudillo hábil, no está tan cercana aún a los ojos del más espantadizo, que no dé tiempo a la prueba de altivez, continua y discreta, con que se la pudiera encarar y desviarla; como su decoro de república pone a la América del Norte, ante los pueblos atentos del Universo, un freno que no le ha de quitar la provocación pueril o la arrogancia ostentosa, o la discordia parricida de nuestra América, el deber urgente de nuestra América es enseñarse como es, una en alma e intento, vencedora veloz de un pasado sofocante, manchada sólo con sangre de abono que arranca a las manos la pelea con las ruinas, y la de las venas que nos dejaron picadas nuestros dueños. El desdén del vecino formidable, que no la conoce, es el peligro mayor de nuestra América; y urge, porque el día de la visita está próximo, que el vecino la conozca, la conozca pronto, para que no la desdeñe. Por ignorancia llegaría, tal vez, a poner en ella la codicia. Por el respeto, luego que la conociese, sacaría de ella las manos. Se ha de tener fe en lo mejor del hombre y desconfiar de lo peor de él. Hay que dar ocasión a lo mejor para que se revele y prevalezca sobre lo peor. Si no, lo peor prevalece. Los pueblos han de tener una picota para quien les azuza a odios inútiles; y otra para quien no les dice a tiempo la verdad.

§ 12

No hay odio de razas, porque no hay razas. Los pensadores canijos, los pensadores de lámparas, enhebran y recalientan las razas de librería, que el viajero justo y el observador cordial buscan en vano en la justicia de la naturaleza, donde resalta, en el amor victorioso y el apetito turbulento, la identidad universal del hombre. El alma emana, igual y eterna, de los cuerpos diversos en forma y en color. Peca contra la humanidad el que fomente y propague la oposición y el odio de las razas. Pero en el amasijo de los pueblos se condensan, en la cercanía de otros pueblos diversos, caracteres peculiares y activos, de ideas y de hábitos, de ensanche y adquisición, de vanidad y de avaricia, que del estado latente de preocupaciones nacionales pudieran, en un período de desorden interno o de precipitación del carácter acumulado del país, trocarse en amenaza grave para las tierras vecinas, aisladas y débiles, que el país fuerte declara perecederas e inferiores. Pensar es servir. Ni ha de suponerse, por antipatía de aldea, una maldad ingénita y fatal al pueblo rubio del continente, porque no habla nuestro idioma, ni ve la casa como nosotros la vemos, ni se nos parece en sus lacras políticas, que son diferentes de las nuestras; ni tiene en mucho a los hombres biliosos y trigueños, ni mira caritativo, desde su eminencia aún mal segura, a los que, con menos favor de la historia, suben a tramos heroicos la vía de las repúblicas; ni se han de esconder los datos patentes del problema que puede resolverse, para la paz de los siglos, con el estudio oportuno y la unión tácita y urgente del alma continental. ¡Porque ya suena el himno unánime; la generación actual lleva a cuestas, por el camino abonado por los padres sublimes, la América trabajadora; del Bravo a Magallanes, sentado en el lomo del cóndor, regó el Gran Semí, por las naciones románticas del continente y por las islas dolorosas del mar, la semilla de la América nueva!

(La Revista Ilustrada de Nueva York, 10 de enero de 1891)

Fontes Bibliográficas

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ABRÃO, Bernadete Siqueira. "A necessidade das paixões", In: **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, pp. 392-393 (Coleção Os Pensadores).

ALMEIDA, Guilherme de. **As flores das "Flores do Mal" de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d (Coleção Ediouro).

ANJOS FILHO, Zenir Rodrigues. **Lamarca: Mito e História**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; INHIS, 1999 (Mimeo).

ARAÚJO VIEIRA, Maria do Pilar et alli. "O Documento – atos e testemunhos da História", In: **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1988 (Coleção Princípios).

ARROYO, Anita. **América en su literatura** (2ª ed.). Barcelona: Universidad de Puerto Rico, 1978.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BILBAO, Francisco. **El pensamiento vivo de Francisco Bilbao**. Santiago: Editorial Nascimento, 1940.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. **La História entre representacion y construcción**, In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DIMENSÕES DA HISTÓRIA CULTURAL I, 1998, Belo Horizonte. Atas. Belo Horizonte: UNICENTRO Newton Paiva, 1999, pp. 93-99.

CORNEJO POLAR, Antônio. **O condor voa**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000 (Humanitas).

ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FIERRO, María del Rayo Ramírez. **Simón Rodríguez y su utopía para América** (1ª ed.). México (DF): Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LE GOFF, Jacques. "Documento e Monumento", In: **Memória e História**. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985 (ENCICLOPÉDIA EINAUDI, vol. I).

MARCUSE, Herbert. "Sobre o caráter afirmativo da cultura", In: **Cultura e sociedade**, vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp. 89-136.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista** (6' ed.). Rio de Janeiro: Global, 1986.

NIETZSCHE, Frederico (sic). **Ecce Homo** (6' ed.). Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores).

NISBET, Robert. **História de la idéia del progreso**. Barcelona: Ed. Gedisa de Barcelona, 1991.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976

_____. **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PEIXOTO, Fernando (org.). **José Martí; Nossa América** (2' ed.). São Paulo: HUCITEC, 1991.

PESSOA, Fernando. "Autopsicografia", In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1977, pp. 164-5.

RODRÍGUEZ, Simón. "Luces y Virtudes Sociales", ed. de 1840. In: **Libro homenaje a la memoria de Don Simón Rodríguez**. Caracas: Ediciones del Congresso de la República, 1973.

ROUQUIÉ, Alain. **O extremo ocidente: Introdução à América Latina**. São Paulo: EdUSP, 1991.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Conflicto y armonia de las razas en América** (Conclusiones). México (DF): Universidad Nacional Autónoma de México, 1978.

_____. **Facundo**. Elaleph.com Editor (Obra eletrônica), 1999, 265p (mimeo).

STAM, Robert. **Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REVISTAS E PERIÓDICOS

IZQUIERDO, Iván. "Por uma metaquímica do amor", In: *República: o prazer da política e a política do prazer*, São Paulo, nº 17, ano II, pp. 32-35, março de 1998 (Em entrevista cedida a Michel LAUB).

TEIXEIRA, Ivan. "New historicism", In: *Cult: revista brasileira de cultura*, São Paulo, nº 17, ano II, pp. 32-35, dezembro de 1998.

FONTES ELETRÔNICAS (INTERNET):

CARVALHO, Eugênio Rezende de. **Os sujeitos do projeto utópico da "Nuestra América" de José Martí** (Online). *Goiânia/UFG*. 1998, (citado 24-09-1999). Internet: <http://www.fchf.ufg.br/historia/mestrado-historia/link331.html> .

CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. **Artículos** (Online). *La Habana*, 1999, (citado 08-12-1999). Internet: <http://www.cult.cu/marti> .

ESPÉCULO. *Revista Electrónica Cuatrimestral de Estudios Literarios*, ISSN: 1139-3637 (Online). Departamento de Filología Española III - Facultad de Ciencias de la Información. UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID, 1999. Internet: <http://www.ucm.es/info/especulo> .

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Elementos para una lectura filosófica de José Martí** (Online). *Aachen - Alemanha*, 1998. (citado 24-09-1999). Internet: <http://ensayo.rom.uga.edu/filosofos/cuba/marti/marti3.htm> .

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. (jlomez@ensayo.rom.uga.edu). **Declaración de San Leopoldo**. E-mail para Edilson Antônio Alves (edrid@loja.net), 24 de setembro de 1999.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. **Pensamiento hispanoamericano: siglo XIX** (Online). 1998. (citado 24-09-1999). Internet: <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/generales> .

KRAUSE, Karl Christian Friedrich. **Ideal de la humanidad para la vida** (Tradução, introdução e comentários de RÍO, Julián Sanz del). Madri: Imprenta de F. Martinez García, 1871. Edição eletrônica por *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes Saavedra* (Online), UNIVERSIDAD DE ALICANTE, Madri, 1999/2000. Internet: <http://cervantesvirtual.com>, 88p. (mimeo).

MARTÍ, José. **Nuestra América** (Online) 1998. (citado 29-06-1999). Internet: <http://www.lehigh.edu/~jcf2/marti.html> .

MARTÍ, José. "Ensayos". In: **Antología** (Online) 1998, (citado 30-09-1999). Internet: <http://ensayo.rom.uga.edu/antologia/M.htm> .

MARTÍ, José. "Versos Libres". In: **Poesías completas** (Online) 1998, (citado 05-08-1999). Internet: <http://www.exilio.com/Marti/PoesiaCF.html> .

ORTIZ, Javier. "Dos silencios", *El Mundo*, Madri, 7 julho 1999. Caderno Zoom, (Online). Internet: <http://www.el-mundo.es/diario/1999/07/07/opinion/7N0010.htm> .

RODRIGUEZ, Pedro Pablo. **Identidad y unidad latinoamericana en José Martí**. CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS, *La Havana*, 1994, 58p (mimeo). E-mail para Edilson Antônio Alves (alvesedilson@hotmail.com), 11 de maio de 2000.